Jornal UFG

Impresso Especial
9912229887-DR/GO
UFG
CORREIOS

PUBLICAÇÃO DA ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS – ANO IV – Nº 30 – AGOSTO 2009

O corpo e o cosmos

duas dimensões da vida

No Ano Internacional da Astronomia, a universidade realiza várias atividades que demonstram a alta aplicabilidade de diversas ciências, como a física e a matemática, nas complexas descobertas e explicações sobre o universo (págs 12 e 13). Também nesta edição, uma abordagem sobre qual tem sido o tratamento dado, no âmbito educacional, a essa valiosa unidade física, o corpo, especialmente no que concerne à prática do esporte (págs. 5, 6, 7, 10, 11 e 15). As atividades corporais e o estudo do cosmos são práticas milenares motivadas pela busca do conhecimento, da saúde e do bem-estar.

Fotos: Carlos Siqueira e Dreamstime.com - Capa: Reuben Lago

EDITORIAL

SILVÂNIA LIMA*

O esporte nas fronteiras da educação

Educação é a chave de tudo – da conscientização do povo ao desenvolvimento do país. Esse lugar-comum sempre transita na realidade social. Parece simples: é só investir e colher no futuro os resultados. No entanto, outros fatores estão aí implicados. Em educação não basta fazer: o *como* é que determina os frutos.

Nada é mais abrangente do que o processo educacional. A todo momento surge alguma nova oportunidade de aprendizagem. Em face das graves questões, como os problemas do meio ambiente, as drogas, a violência, invoca-se a educação, pergunta-se quais são as instâncias responsáveis, o que cabe à família, à escola, à sociedade. Quais são as fronteiras do educar?

Qual é a relação do corpo com o meio ambiente, da mente com as práticas esportivas, da informação e cultura com a formação do cidadão? E mais: qual a relação de tudo isso com a educação? O ambiente escolar é rico em oportunidades de formação geral do indivíduo. Por exemplo, a aquisição de hábitos saudáveis, como disciplina de trabalho e higienização do corpo (ciências), alimentação correta (merenda escolar), equilíbrio físico e emocional (educação física), leitura (línguas) e cultura da paz.

A complexidade que a educação envolve vai muito além de recursos materiais. Ela exige ser entendida e valorizada por sua concepção. Educação técnica, educação cidadã, educação global. Educa-se para quê? Qual é o conceito de educação que realizamos e onde queremos chegar?

Vislumbram-se avanços nos objetivos traçados para a educação. Mas também é preciso, sob pena de retrocedermos, fomentar antigas iniciativas acertadas, hoje seriamente comprometidas. Uma delas é a prática da educação física e o estímulo ao esporte nas escolas, assunto em destaque nesta edição do **Jornal UFG**.

Se há consenso quanto aos benefícios da prática esportiva, há que se indagar o porquê do desprestígio da área, especialmente nas escolas públicas, desde o ensino fundamental. Faltam o reconhecimento de sua relevância e a integração com as demais disciplinas – é raro que a Educação Física esteja incluída no projeto político-pedagógico da escola –, bem como suficiência em pessoal qualificado e estrutura física. Nas universidades, o quadro não é diferente. A não obrigatoriedade da Educação Física e a ausência de projetos perenes contribuem para limitar a prática esportiva. Os campeonatos universitários persistem, porém com times formados de afogadilho e atletas que treinam apenas para competições específicas.

Em Goiás, os clubes esportivos que ainda sobrevivem enfrentam dificuldades, os projetos da iniciativa pública são tacanhos e, para muitos, resta a escola como chance de praticar um esporte. Com raras exceções, faltam políticas públicas nessa área para as escolas e as universidades. Na UFG, a Reitoria vem apoiando a regulamentação das associações atléticas, bem como os campeonatos e jogos universitários e a participação das suas equipes nesses eventos.

Não só conhecimento técnico leva-se da vida acadêmica. Atividades extracurriculares podem agregar ganhos inestimáveis à formação profissional. A oportunidade de atuação em diferentes áreas enriquece o processo educacional e potencializa a descoberta de novos talentos.

***Silvânia de Cássia Lima**
Editora do Jornal UFG e mestranda em Comunicação

CÂMPUS EM FOCO

Estudantes são premiados em concurso

Túlio Moreira, estudante de Jornalismo e estagiário da Ascom, e Débora Gislaynne, do curso de Design de Moda, receberam prêmios importantes. Túlio foi o primeiro colocado na categoria "estudantes" do "I Concurso Latinoamericano de Reportagem" e Débora foi premiada em segundo lugar no concurso "Cardápio da Moda".

Com o título "As veias (ainda) abertas da América Latina", a matéria de Túlio foi selecionada entre 28 estudantes dos estados de Goiás, Santa Catarina, Bahia e São Paulo. O tema do seu texto foi o ineditismo do Festival de Cinema Universitário Perro Loco. A seleção de reportagens foi realizada pelo site www.latinoamericano.jor.br que tem como objetivo promover a diversidade da cultura das Américas.

Vinícius Batista

Divulgação

Túlio Moreira e Débora Gislaynne (ao centro) cercada pelas modelos que desfilaram suas criações

Débora, por sua vez, concorreu com 500 jovens estilistas de toda a América do Sul e obteve um empate inédito com Gustavo Werner, do Rio Grande do Sul. O "Cardápio da Moda" foi organizado pelo Instituto Brasileiro de Moda (IBModa) em parceria com a Pizza Hut. Seus cinco primeiros colocados foram revelados dia 27 de junho, também em São Paulo, durante um desfile de moda. Mais informações no site do evento (www.cardapiodamoda.blogspot.com).

Temas médicos para profissionais da imprensa

Com avaliação positiva foi encerrado o "Ciclo de Seminários sobre Temas Médicos para Profissionais da Imprensa", dia 10 de julho, na Faculdade de Medicina (FM). Participaram deste balanço final representantes da unidade, professores do curso e profissionais de empresas de comunicação do estado. A iniciativa de integrar imprensa e médicos partiu da própria Faculdade de Medicina, que reuniu cerca de 40 profissionais e dez estudantes em uma bateria de seminários que teve início dia oito de maio. Foram esclarecidos temas que volta e meia estão na boca do povo, mas que nem sempre são tratados de forma clara e coerente pela grande mídia: "Linguagem Médica", "Transplantes de Órgãos", "Bioética", "Células Tronco" entre outros.

Faculdade de Medicina

A avaliação do evento foi feita em mesa-redonda coordenada pelo diretor da Faculdade de Medicina, Heitor Rosa, com a participação dos jornalistas Thalízia Ferreira (Hospital da Clínicas), Ana Maria Souza (TV Brasil Central), Mônica Novaes (TV Anhanguera) e Roberto Nunes (Rádio Unioversitária)

Leitor

A vereadora Cidinha Siqueira, presidente da Comissão de Direitos Humanos e Cidadania da Câmara Municipal de Goiânia, enviou correspondência em que parabeniza a Coordenadoria de Imprensa pela matéria "Acesso é inclusão", divulgada no **Jornal UFG** de maio, edição nº 28, página 16. Em um trecho da carta ela afirma:

"Fico muito feliz em saber que essa instituição de ensino tem se preocupado em se adequar às normas de acessibilidade para a pessoa com deficiência, no intuito de promover a inclusão de alunos e funcionários. Isso mostra as mudanças que hoje vimos eclodir na evolução da sociedade, surgindo um novo movimento, o da inclusão, consequência de uma visão social, de um mundo democrático. Este é o momento de se preparar para lidar com a diversidade humana, pois todos têm o direito de exercer sua cidadania, e é através da acessibilidade que barreiras serão quebradas e com iniciativas como esta, que caminharemos para uma sociedade mais justa e inclusiva."

Jornal UFG

Publicação da Assessoria de Comunicação
Universidade Federal de Goiás
ANO IV – Nº 30 – AGOSTO 2009

ASCOM – Reitoria da UFG – Câmpus Samambaia
C.P.: 131 – CEP 74001-970 – Goiânia – GO
Tel.: (62) 3521-1310 /3521-1311 – Fax: (62) 3521-1169
www.ufg.br – imprensa@reitoria.ufg.br – www.ascom.ufg.br

Universidade – Reitor: Edward Madureira Brasil; **Vice-reitor:** Benedito Ferreira Marques; **Pró-reitora de Graduação:** Sandramara Matias Chaves; **Pró-reitora de Pesquisa e Pós-Graduação:** Divina das Dores de Paula Cardoso; **Pró-reitor de Extensão e Cultura:** Anselmo Pessoa Neto; **Pró-reitor de Administração e Finanças:** Orlando Afonso Valle do Amaral; **Pró-reitor de Desenvolvimento Institucional e Recursos Humanos:** Jeblin Antônio Abraão; **Pró-reitor de Assuntos da Comunidade Universitária:** Ernando Melo Filizzola.

Jornal UFG – Coordenadora de imprensa e editora-geral: Silvana Coleta Santos Pereira; **Editora:** Silvânia de Cássia Lima; **Editora-assistente:** Michele Ferreira Martins; **Conselho Editorial:** Angelita Pereira, Goiamérico Felício Santos, Ivan Torres Nicolau de Campos, Maria das Graças Monteiro Castro, Silvana Coleta, Venerando Ribeiro de Campos, Mercês Pietsch Cunha Mendonça; **Suplentes:** Valéria Maria Soledade de Almeida, Suely Henrique de Aquino Gomes; **Revisão:** Maria José Soares e Ana Paula Ribeiro; **Projeto gráfico e editoração eletrônica:** Cleomar Gomes Nogueira e Reuben Lago; **Fotografia:** Carlos Siqueira; **Colaboradores:** Agnes Arato, Fernanda Limiro, Patrícia Veiga e Kharen Stecca. **Bolsistas:** Angélica Queiroz, Beatriz Mendes, Caroline Pires, Luciana Santal, Marcela Guimarães, Túlio Moreira Rocha (jornalismo), Danilo Soares (ilustração) e Vinícius Baptista (fotografia). **Secretária administrativa:** Sueli Alves de Sousa.

Impressão: Centro Editorial e Gráfico (Cegraf) da UFG.

Estudantes de LETRAS LIBRAS de todo o país reúnem-se na UFG

Fotos: Carlos Siqueira

Presidente da Associação de Surdos de Goiás, Marcos Vinícius Calixto, discursou na abertura do 3º ENELL

Acessibilidade, real inclusão e capacitação são metas da comunidade surda do país

Beatriz Mendes
Caroline Pires

O 3º Encontro Nacional de Estudantes Letras Libras (Enell), realizado entre os dias 14 e 17 de julho, no Centro de Cultura e Eventos Ricardo Freua Bufáiçal da Universidade Federal de Goiás (UFG), recebeu cerca de 900 inscrições de estudantes surdos, ouvintes e profissionais da área de todo país. A organização do evento ficou a cargo dos estudantes da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e do Polo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás (IFG), com o apoio da comissão de formatura da primeira turma do curso de graduação em Letras Libras da UFG. O tema geral "Política e educação: rumo à conquista de novos espaços", desdobrou-se em palestras, mesas-redondas, minicursos e oficinas.

No intervalo das atividades os participantes de todo o Brasil trocam experiências

Na palestra proferida pela coordenadora-geral de articulação da política de inclusão no sistema de ensino da Secretaria de Educação Especial do Ministério da Educação, Sinara Zardo, abordou a política nacional da educação especial na perspectiva da educação inclusiva para surdos. Sinara explicou que a inclusão dos surdos é baseada no debate entre o governo e a sociedade civil organizada e está inserida no movimento mundial pela inclusão, que abrange ações políticas, sociais, culturais e pedagógicas.

Segundo o estudante do IFG, Thiago Cardoso Aguiar, um dos organizadores do 3º Enell, foram discutidos problemas como locais de trabalho para surdos, intérpretes e professores de libras, sejam estes surdos ou ouvintes. Thiago também apontou as dificuldades enfrentadas pelos estudantes de Libras da universidade, como a ausência de práticas pedagógicas voltadas para o surdo. "Trata-se de uma comunidade com uma cultura diferente. Então, é necessário um aprendizado específico, não adianta apenas um intérprete", ressaltou o estudante.

Mostra de curtas e festival de humor – Paralelamente ao Enell e como parte cultural do evento houve a Mostra de Curtas Surdos e o 1º Festival Nacional de Humor Surdo, além da 1ª Feira Nacional de Libras, com estandes de venda de materiais pedagógicos e de pesquisa na área da surdez, além de artesanatos feitos por pessoas surdas. O festival teve a participação de grupos de humor surdo de todo o Brasil e a mostra de curtas recebeu vídeos com temas relacionados à surdez. De acordo com a estudante surda do curso de graduação em Letras Libras do IFG, Regina Maria Barbosa Spósito, a mostra de curtas lembrou o tempo do cinema mudo com uma interpretação perfeita dos atores. Em relação ao festival de humor, Regina afirmou que o teatro ressaltou a cultura do surdo. "No teatro de ouvintes não há a mesma emoção. E, no festival de humor, não foi preciso intérprete", declarou a estudante. Regina ainda explicou a importância das apresentações, pois mostrou que o surdo tem a mesma capacidade de percepção de um ouvinte.

Para a estudante surda do curso de graduação em Letras Libras do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN), Aline Risseli, tanto a mostra de curtas quanto o festival de humor foram muito interessantes porque a língua de sinais prende mais a atenção do público surdo. "O teatro específico do surdo é muito engraçado e divertido", afirmou Aline.

Mudando a história – O desrespeito aos direitos dos surdos, que no passado eram excluídos da sociedade, começou a ter fim nos Estados Unidos no século XX. Foi nessa época que tiveram início as primeiras pesquisas acadêmicas sobre os Sinais – estatuto linguístico utilizado para comunicação de indivíduos surdos. No Brasil, a Lei nº 10.436, de 2002, marcou o reconhecimento da libras, língua brasileira de sinais, que estipulou o ensino nas universidades e é utilizada pelos órgãos da administração pública e particular. Apesar da conquista, os desafios estavam apenas começando.

Somente em 2005, com o Decreto nº 5626, a lei foi regulamentada e ficou definido que o poder público deveria criar nas universidade públicas o curso de graduação em Letras Libras. O ano seguinte foi um momento histórico, com a abertura do primeiro curso de graduação em Letras Libras do mundo, ministrado na UFSC, na modalidade educação a distância, atendendo oito estados das cinco regiões do país e o Distrito Federal. A UFG foi pioneira quando, em 2009, ofereceu o primeiro curso presencial de Licenciatura em Letras Libras. Na abertura do 3º Enell, a diretora da Faculdade de Letras da UFG, Maria Zaíra Turchi, lembrou os desafios para a implementação do curso e as mudanças que ainda precisam ser feitas. "É possível mudar a educação do país com a luta da comunidade surda", ressaltou Maria Zaíra.

Letras Libras na UFG – A criação do curso presencial de graduação em Letras Libras na UFG foi possível graças ao Programa de Apoio ao Plano de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni), que permitiu a contratação de professores e servidores técnico-administrativos para a criação de novos cursos. De acordo com o coordenador do curso de Letras, Francisco José Quaresma de Figueiredo, a elaboração do projeto pedagógico do curso teve o apoio da UFSC, universidade pioneira na área, e também de entidades representativas dos surdos. De acordo com a lei, todos os cursos de licenciatura terão de oferecer libras como disciplina obrigatória, e os bacharelados terão de incluí-la na lista de disciplinas optativas. "Dessa forma, a UFG inovou com a oferta do curso, o que viabilizará a democratização do ensino de libras em nossa região", explicou Francisco Quaresma.

Encontro recebeu cerca de 900 estudantes surdos, ouvintes e profissionais da área

Empreendedorismo e consumo com responsabilidade

Fotos: Carlos Siqueira

Oportunidade para estudantes de graduação mostrarem trabalhos profissionais

Movimento intenso de visitantes à feira em shopping de Aparecida de Goiânia

Alternativas até mesmo para o vestuário.: papelão e retalhos de lona viram matéria-prima para calçados

Sabão líquido utilizado em limpeza pesada é feito a partir do óleo já utilizado em frituras domésticas

I Expomarketing Sustentável apresentou soluções viáveis para problemas ambientais que exigem ações imediatas

Agnes Arato

Aplicar a teoria na prática. Foi essa a principal motivação da coordenação do curso de Administração, modalidade a distância, da Universidade Federal de Goiás, ao propor a realização de uma feira de produtos idealizados pelos alunos do curso. E se a preocupação com o meio ambiente é algo tão presente, por que não elaborar projetos ecologicamente corretos, que colaborem com a busca por um modelo de consumo consciente e sustentável? Pronto: nascia assim a I Expomarketing Sustentável.

A feira foi realizada nos dias 4 e 5 de julho, no estacionamento do Buriti Shopping, em Aparecida de Goiânia. Inicialmente pensada para reunir a produção dos cinco polos do curso de Administração a distância, a Expomarketing incluiu também trabalhos dos alunos do curso presencial, bem como do mestrado em Agronegócio, da Escola de Agronomia e Engenharia de Alimentos (EA) da UFG. Foram expostos mais de 70 produtos, todos com a mesma preocupação: a preservação do meio ambiente.

Para Eliane Moreira Sá de Souza, coordenadora do curso de Administração a distância da UFG, a perspectiva da apresentação do projeto exigiu qualidade dos alunos. "Nós queríamos que eles desenvolvessem algo profissional. Que fizessem pesquisa de mercado, planejamento de *marketing*, que apresentassem um plano consistente", disse a professora. Valteno Inácio, estudante do curso no polo de Goiânia, concorda com a professora. "Desenvolver um projeto que será realmente aplicado é maravilhoso, pois você de fato sente que aquilo é útil. Foi excelente. Essa experiência nos aproximou da realidade, da prática", afirmou.

Para a professora Eliane de Souza, além de colaborar com a formação dos alunos, a feira também cumpriu outra função importante: divulgar a produção da universidade. "A missão da UFG inclui o desenvolvimento da sociedade. A proposta da feira – apresentar soluções viáveis para problemas ambientais – é uma das formas de a universidade contribuir com esse desenvolvimento", afirmou Eliane.

Prestigiaram a feira o reitor Edward Madureira Brasil e a pró-reitora de Graduação, Sandramara Matias Chaves, entre outras autoridades

Soluções viáveis – Os produtos apresentados pelos estudantes que participaram da I Expomarketing Sustentável atendiam ao critério da aplicabilidade imediata. "Todos os produtos da feira foram propostos a partir de pesquisas de mercado, e já tem consumidores esperando que sejam comercializados", informou a professora Eliane. A maioria foi pensada para aproveitar produtos que seriam descartados no meio ambiente, mas alternativas de produção sustentável, produtos que otimizam a utilização de recursos naturais e até um *software* de gerenciamento de empresas que queiram atuar de forma ecologicamente correta foram apresentados. Confira alguns desses produtos elaborados por estudantes do curso de Administração em diversos polos do estado de Goiás:

Eco Boots: Calçado feito com materiais que seriam descartados na natureza, como pneu (no solado), papelão (na palmilha) e retalhos de lona. Até a embalagem do produto é ecológica, confeccionada artesanalmente com fibra de bananeira. Elaborado por Lyanna Batista, Nivia de Paiva, Paula Freitas e Zulmira de Assis, alunos do polo de Orizona.

Sabão líquido Limpec: O sabão pensado por Êber, Júlio, Kleber, Luciene e Thiago, do polo de Porangatu, é fabricado por meio da reciclagem do óleo utilizado em frituras domésticas. Pensado para lavagem de roupas muito sujas e encardidas, o sabão tem um diferencial em relação às propostas similares: mediante um programa de permuta, o cliente troca seu óleo de cozinha usado por produto pronto para o uso. O grupo disponibiliza até um blog para os interessados no assunto: http://limpec.blogspot.com

Linguiças de Ema: A proposta inovadora do grupo formado por Valteno Inácio, Suzana Magalhães, Reginaldo Ribeiro e Tiago Lopes, estudantes do polo de Goiânia, alia a carne de carneiro à carne nobre da ema – uma cultura já existente na região de Mambai –, agregando valor a um produto muito apreciado pelos goianos. Assim, a ideia ajuda a preservar o cerrado, já que o criador local tem um produto rentável para explorar, sem a necessidade de ampliar pastagens e desmatar novas áreas.

***Software* Sigma:** O *programa* de gestão de empresas desenvolvido por Hailton Lemos, Michele Cristina e Patrícia Bianca, também do polo de Goiânia, foi desenvolvido para que a empresa que pretenda conseguir a chancela de "ecologicamente correta" possa atingir esse objetivo. O programa mantém documentado todo o processo de produção, atestando que a empresa segue as normas da legislação ambiental vigente.

Esporte universitário de Goiás busca resultados no cenário nacional

A UFG está entre as instituições de ensino superior presentes na quinta edição das Olimpíadas Universitárias

Luciana Santal

A Confederação Brasileira do Desporto Universitário (CBDU) e o Comitê Olímpico Brasileiro (COB) realizarão a quinta edição das Olimpíadas Universitárias entre os dias 14 e 23 de agosto, na cidade de Fortaleza (CE). É a primeira vez que a capital do Ceará recebe o maior evento esportivo acadêmico do país, que é disputado desde 2005.

As Olimpíadas Universitárias, bem como as Olimpíadas Escolares, fazem parte de um projeto relevante para a história do esporte estudantil brasileiro. Suas principais metas são: resgatar a importância das competições estudantis no país, promover a inclusão social de jovens por meio de uma prática positiva e saudável e abrir espaço para os novos talentos, fator fundamental para o desenvolvimento do esporte de alto rendimento no Brasil. Fruto de uma parceria de oito anos (dois ciclos olímpicos) entre o Comitê Olímpico Brasileiro, o Ministério do Esporte e a Confederação Brasileira do Desporto Universitário, as Olimpíadas passaram a substituir os Jogos Universitários Brasileiros (JUBs) a partir de 2005.

O evento acontece anualmente, com etapas estaduais e nacionais para atletas entre 18 e 28 anos. A última edição ocorreu em Maceió e reuniu 3.400 participantes de todos os estados do Brasil e do Distrito Federal. Alunos de 400 instituições de ensino superior (IES) competiram em 19 instalações esportivas nas oito modalidades do programa (atletismo, basquete, futsal, handebol, judô, natação, vôlei e xadrez). As Olimpíadas Universitárias adotam um padrão de acomodações, instalações e fórmulas de disputa inspirados nos moldes olímpicos.

A Universidade Federal de Goiás (UFG) garantiu vaga no xadrez, atletismo, futsal feminino e na natação. A seletiva foi feita na edição de 2009 dos Jogos Universitários Goianos (JUGs), realizada de 28 de abril a 3 de maio, em Goiânia. Das nove finais coletivas, a Universidade Salgado de Oliveira (Universo), heptacampeã da fase estadual das Olimpíadas Universitárias, venceu no basquete e handebol (masculino e feminino); futsal masculino; vôlei feminino e futebol de campo masculino. O destaque dessa edição dos jogos foi a estreante Faculdade União de Goyazes (FUG), de Trindade, que rompeu a hegemonia da Universo e conquistou medalha de ouro no torneio de vôlei masculino.

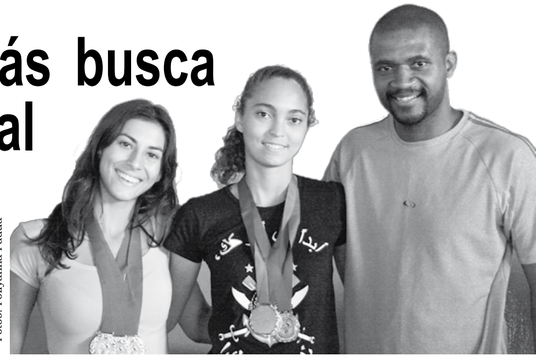
A disputa pelo troféu do futsal feminino dos JUGs 2009 foi levada a julgamento no Tribunal de Justiça Desportiva Universitária (TJDU), pois a Universo e a UFG-Goiânia empataram a partida em 5x5 e marcaram sete pontos cada. Nos critérios de desempate, que são os saldos de gols e os confrontos diretos, a igualdade entre os dois times manteve-se. A Federação Goiana de Desportos Universitários (FGDU) decidiu que uma partida entre as duas equipes resolveria o impasse. O jogo foi disputado no dia 7 de junho.

O time da UFG fez três gols, garantiu a vitória e terminou em segundo lugar na classificação final por Instituições de Ensino Superior (IES). A Universo conquistou o octacampeonato do JUGs com o primeiro lugar dessa edição, enquanto a Universidade Católica de Goiás angariou o terceiro lugar. O presidente da FGDU, Lusimar Pinto, explicou que a participação da UFG nessa edição dos jogos foi expressiva. O Câmpus Catalão obteve o ouro no Atletismo feminino com Ana Paula Pacheco Silva. A outra medalha de ouro foi do nadador Luiz Paulo Abrantes, da UFG-Goiânia.

Segundo o professor de atletismo da Faculdade de Educação Física (FEF) da UFG, Juracy Guimarães, a grande dificuldade é conseguir financiamento para participar de eventos esportivos nacionais. "A situação se complica porque são as instituições que se encarregam de custear a participação desses atletas", explica Juracy.

O presidente da FDGU informou que a UFG, principalmente a atual gestão, tem apoiado sempre as iniciativas da federação. Ele salientou que a diferença entre a UFG e as outras IES, em relação ao esporte, é que as outras instituições têm em sua estrutura organizacional uma divisão de esporte, com a finalidade específica de fomentar o desporto universitário. "Com a criação de um departamento para formação das equipes esportivas, com suporte administrativo e técnico, a instituição poderia aumentar ainda mais o seu papel no desenvolvimento dessa área", ressalta. No entanto, Lusimar Pinto admite que a UFG sempre conquistou bons resultados em competições, apesar de ainda não ter um trabalho com foco no esporte.

Fotos: Pollyanna Pádua



Estudantes do Câmpus Catalão Ana Paula Pacheco e Samanta Alves recebem premiação ao lado do diretor de provas do Atletismo JUGs 2009, Ernesto Pereira

Jogos universitários de 2009 movimentam estudantes em prova de atletismo. Abaixo equipes da UFG: a campeã do futsal feminino e a de handebol masculino

A educação física na formação do indivíduo e sua relação com o esporte

Uma das práticas corporais mais significativas da atualidade, o esporte é elemento essencial para a formação dos indivíduos. A mesa-redonda do **Jornal UFG** deste mês procurou explorar, em diferentes aspectos, como o esporte é trabalhando nas escolas e nas universidades e quais são as políticas públicas voltadas para esse setor. Para falar sobre o assunto, convidamos o chefe do Departamento de Esportes da Secretaria Municipal de Esporte e Lazer de Goiânia, José Carlos Vasques; a professora da Faculdade de Educação Física (FEF) da UFG, Nilva Pessoa de Souza; o professor da Escola Superior de Educação Física e Fisioterapia do Estado de Goiás (Eseffego) e da Universidade Católica de Goiás (UCG), Tadeu João Ribeiro Baptista e o presidente da Federação Goiana de Desportos Universitários (FGDU) e o diretor da Confederação Brasileira do Desporto Universitário (CBDU), Lusimar Pinto. Infelizmente não pudemos contar com a presença do presidente da Agência Goiana de Esporte e Lazer do Estado de Goiás, Talles Alves Barreto, também convidado.

Michele Martins e Luciana Santal

Como o esporte é trabalhado nas escolas?

Nilva – O esporte é desenvolvido de duas formas. Primeiro, como conteúdo da disciplina Educação Física (EF), que visa à autonomia da criança, para que esta se torne um praticante de modalidade esportiva ou um espectador. A segunda visa à formação de equipes representativas, sob a perspectiva de alto rendimento nos jogos escolares estaduais ou nacional.

Tadeu – O esporte é um dos conteúdos privilegiados na Educação Física. Em Goiás são muito valorizados os esportes coletivos de quadra, como vôlei, futebol, basquetebol e handebol. A tendência é basear as aulas em fundamentos técnicos de cada modalidade, como passes, dribles e arremessos e, em seguida, as atividades coletivas, com os sistemas táticos de ataque e defesa.

Qual é a importância de trabalhar o esporte nas escolas?

Tadeu – O esporte é um elemento cultural e é fundamental na sociedade. Se recordarmos os diferentes períodos históricos, identificamos manifestações semelhantes aos esportes em vários momentos da humanidade. A partir do século XIX, o esporte tornou-se referência, tal qual o conhecemos. Ele contribui para a reflexão do que é a sociedade atual e ajuda-nos a desenvolver determinadas habilidades físicas que influenciam no ponto de vista comportamental e orgânico.

Nilva – Em vários momentos, o esporte foi visto como um salvador social. Nós da área de Educação Física não podemos encarar dessa forma. Existe esse caráter formador e social. Ele exerce um papel social porque consegue agregar pessoas com o mesmo objetivo. Mas não podemos reproduzir a vinculação, muito constante na mídia, de que esporte não é droga, é saúde. Não conseguiríamos explicar o problema do *doping* nos esportes ou o porquê de atletas em plena forma física morrerem de ataque cardíaco ou de acidente vascular cerebral (AVC). O esporte por si só não é capaz de contribuir para a formação das crianças brasileiras. É necessário haver uma formação mais ampliada, ancorada em políticas públicas para o setor que venham auxiliar esse trabalho.

A escola tem condições de promover a formação e o desenvolvimento de atletas?

Nilva – As escolas ainda não têm estrutura física para suportar aula de Educação Física e treinamento de atletas ao mesmo tempo. O treinamento acontece, mas de forma precária. Acredito que a escola é um excelente canal para iniciar essa formação. O maior problema hoje são as políticas públicas, porque as que existem, principalmente o programa Segundo Tempo do governo federal, são assistencialistas. O projeto em si é bom, não vou desmerecê-lo, mas a efetivação não tem sido eficaz. Não houve reforma para que o esporte seja trabalhado de forma adequada na escola. O material não é suficiente e quem ministra as aulas no programa são acadêmicos de Educação Física. Não acho que é responsabilidade da escola a formação do atleta. Na falta de efetivação das políticas públicas, eu penso que a escola é um dos lugares em que a criança pode ser trabalhada. Quem nos dera que as nossas escolas fossem como as de Cuba.

Tadeu – A sociedade como está organizada no momento tem a tendência de privilegiar os aspectos individuais em detrimento dos coletivos. O esporte traz em si essas características. Por definição, o esporte traz a sistematização, a organização e a competição nas suas práticas. Não há como pensar o esporte fora dessa lógica. Para preparar um aluno para o esporte, é preciso dar a ele um suporte físico de acordo com sua faixa etária e seu desenvolvimento fisiológico, psicológico, social, religioso, econômico etc. E para isso é necessário haver condições adequadas de alimentação, de renda, de conforto familiar, de educação, de transporte e de uma série de fatores que farão com que a organização e a preparação para o esporte tornem-se um pouco mais ampla do que aquilo que é possível se fazer dentro da escola. É por isso que, de uma maneira geral, não podemos dizer que a escola possua treinamento esportivo. Não entendo a escola necessariamente como um *locus* de formação de atletas, mas sim como um *locus* de conhecimento de um dos elementos da cultura corporal do ser humano, de movimento.

A professora Nilva fez uma crítica às políticas públicas para os esportes. O senhor concorda com ela?

José Carlos – Eu vejo que o sistema curricular escolar deixa muito a desejar na área esportiva. Hoje, em Goiânia, não se tem treinamento em escola alguma. Nos colégios, o professor dá aulas de acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) e o aluno faz o que ele quer fazer. É muito difícil a participação nos jogos escolares, porque não existem equipes de treinamento. Outro aspecto é o programa Segundo Tempo, que não tem nada a ver com a educação física das escolas porque é contraturno. Realmente, são professores-estagiários que ministram as aulas, mas eles respondem a um coordenador, formado em Brasília. A preocupação é dar uma outra opção de atividades físicas ao aluno, no horário em que ele não está na escola, para que não fique ocioso, além da assistência à saúde. Falta também uma integração entre os pais de alunos e a escola. Outro problema são os altos cargos públicos na área do esporte que são ocupados por pessoas sem formação na área.

Lusimar – Se não há estrutura física, a culpa é do poder público, que não pode transferir suas próprias responsabilidades para determinados setores da sociedade. O discurso do poder público é muito vago nesse sentido.

Em comparação com os outros conteúdos, o esporte é o mais enfatizado nas aulas de Educação Física?

Nilva – Os outros conteúdos são a dança, a ginástica, as lutas, os jogos e as brincadeiras. A escolha é feita pelo professor, o que não deveria ser. A maioria dos professores que trabalha com Educação Física não sabe justificar a existência da disciplina na escola. Trata-se de uma disciplina como outra qualquer, que aprova, reprova, tem frequência e avaliações. Ela trabalha e busca desenvolver o corpo, por isso tem de ocorrer de forma integrada com outras disciplinas. Caso contrário, o aluno não vai se tornar uma pessoa emancipada em relação a todos os conteúdos. É como se nas aulas de Matemática não fosse ensinada a soma para os alunos. Se o esporte fosse suficiente, ele seria ministrado desde a educação infantil e a proposta não é essa. Outros conteúdos podem ajudar mais no desenvolvimento da criança do que o esporte, mas o professor escolhe o esporte pela facilidade de trabalhar uma modalidade esportiva. Porque o professor já praticou esporte ou porque os alunos gostam mais. Há muitos ritmos para serem trabalhados dentro da Educação Física, mas isso não é feito. Muitas vezes a disciplina não está inserida no projeto político-pedagógico da escola. O professor da área não briga pelo material pedagógico (bola, arco, corda) porque acha que é obrigação da Secretaria de Esportes e não da Secretaria de Educação.

Tadeu – Se privilegio o esporte, o meu aluno não tem conhecimento dos jogos, da dança, das lutas, da ginástica e das atividades circenses e isso vai limitar as opções que essa pessoa venha a fazer posteriormente em relação às suas práticas corporais. Nós também temos um outro problema que é o da formação profissional dos professores.

Se fosse exigido algum conteúdo da Educação Física no vestibular, isso melhoraria a situação da área?

Nilva – Acho que sim, porque obrigaria as escolas a incluí-la na proposta pedagógica. É certo que, em âmbito nacional, não temos essa proposta. A Educação Física não pode ser tratada da mesma forma em todos os estados brasileiros. Há diferenças até na estrutura física das escolas. Devem existir cerca de 200 escolas da rede municipal em Goiânia, e quantas possuem quadra ou um espaço ideal para a Educação Física? Quantas no estado tem esse espaço?

Quem deveria tomar parte nessas reivindicações? Fazer essas cobranças?

Nilva – Isso não é uma luta de uma pessoa só. Ela tem de nascer da família, dos alunos, do corpo docente e administrativo da escola e o governo tem de se sensibilizar para isso. Não adianta fazer conferências sobre o problema se as condições para as pessoas trabalharem o esporte na sociedade não se materializam. Onde a criança brasileira vai ter a chance de praticar um esporte de forma adequada, sob orientação adequada de um profissional a não ser na escola?

Qual seria então o espaço ideal para a formação de atletas?

Tadeu – O espaço efetivo para a formação de atletas são os clubes. Não cabe à escola efetivamente preparar o atleta, mas isso vem acontecendo de alguma forma. Às vezes vemos toda uma política voltada para a detecção e o desenvolvimento de talentos esportivos. Temos vários exemplos de atletas que, com incentivo governamental, atingem o alto rendimento e conseguem conquistar um título mundial ou olímpico. Porém, quando perde essa condição de rendimento, ele é abandonado pela sociedade e pelo poder público. Então, seria interessante que fosse feito como em Cuba, que houvesse políticas públicas para dar sustentação a esse atleta de alto rendimento por um período de tempo maior.

Lucimar – Em Goiás, quase não existem mais clubes para esporte. O que eu sei que ainda tem é o Clube Jaó e que sobrevive com muita dificuldade. Os cinco países que mais se destacam no desporto são: China, Rússia, Coreia, Japão e Estados Unidos e todos eles investem no esporte nas escolas e nas universidades. Se não houver investimento, não há como fomentar o esporte.

José Carlos – O prefeito de Goiânia já assinou a proposta para o Projeto de Iniciação Esportiva Draulas Vaz. Ele funciona da seguinte forma: se o professor tiver um aluno que se destaque, esse aluno deve ser encaminhado para um clube. A cada 15 atletas que o clube tiver, ele tem um desconto que chega a 50% do valor do IPTU.

Qual é o papel da universidade no que concerne ao apoio ao atleta que ingressa na instituição?

Nilva – No site da FEF está disponível para consulta o projeto *Política de esporte e lazer para a UFG*. Mas não cabe à FEF executar esse projeto sozinha, porque o atendimento se estenderia a toda a comunidade universitária e não temos condições físicas nem docentes para atender a essa demanda. As pessoas precisam entender que cada espaço daquele na FEF é um laboratório de aula, de pesquisa e de extensão. Todos os órgãos da universidade têm de trabalhar em conjunto para efetivar o programa. Não podemos falar que trabalhamos com formação de atletas. Isso não fazemos. Para formar um atleta, precisamos do pessoal da medicina, da nutrição, da enfermagem, da fisioterapia.

Lusimar – A Educação Física não tem a responsabilidade de fazer o esporte dentro da universidade. Hoje, a maior universidade do Brasil no segmento esportivo universitário é a UPIS (Faculdades Integradas de Brasília) e ela não oferece o curso de Educação Física. Aqui na UFG, a função de promover o esporte não é de nenhuma unidade acadêmica específica, a responsabilidade é da Reitoria. O problema é que não temos políticas públicas dentro da universidade voltadas para o esporte. A Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) tem um departamento específico para a área. Então, temos os exemplos, falta apenas implantá-los aqui na UFG.

As outras faculdades de Educação Física em Goiânia têm esse mesmo direcionamento?

Tadeu – Como tanto na Eseffego quanto na UCG, o curso oferecido é de licenciatura em Educação Física, procuramos trabalhar essa orientação dentro do possível. Na UCG, há professores com carga horária para preparação de equipes esportivas que representam a universidade nos jogos universitários estaduais e nacionais. Cabe à universidade estimular a prática esportiva, não pelo viés necessariamente do alto rendimento, embora haja isso também.

Quais são as atribuições da Federação Goiana de Desportos Universitário?

Lusimar – A Federação tem a função de realizar os eventos esportivos universitários, tanto em âmbito estadual como nacional, e de formar as delegações para representar Goiás nos jogos.

Como foi a edição deste ano dos Jogos Universitários Goianos (JUGs)?

Lusimar – O resultado foi extremamente positivo. O corpo docente e a Reitoria da UFG nos apoiaram em todos os momentos, o que resultou em uma participação fantástica. As seletivas no JUGs foram muito boas e a delegação muito forte contribuiu para chegarmos à etapa nacional. Ficar entre os dez já é para nós extremamente positivo, porque é uma competição de alto nível. Enquanto estamos trabalhando sem recursos financeiros, outros estados, como Santa Catarina, possuem um fundo de fomento ao esporte escolar.

Professora Nilva, o que a senhora pode falar sobre a política da UFG de incentivo aos jogos universitários?

Nilva – Ainda sinto que os alunos estão um pouco sozinhos nessa luta para efetivar as equipes dentro da universidade. Eles se reúnem pouco tempo antes dos jogos. Penso que ainda falta a participação das associações atléticas, pois vários cursos ainda não as têm. A iniciativa tem de partir dos cursos para depois ampliar-se para a universidade.

Lusimar – Os alunos que não se organizam com antecedência participam das competições, mas não trazem bons resultados.

A extinção da obrigatoriedade da Educação Física no currículo dos cursos superiores (LDB 96) interferiu na formação das associações atléticas?

Nilva – Acho que não. No máximo, os alunos iriam participar dos JUGs e para isso não é necessária uma associação atlética. O que mais afetou as associações atléticas na UFG foi a falta de financiamento para os jogos internos da instituição, que eram realizados todos os anos, inclusive com a participação de servidores. Organizar esses jogos requer muito investimento. Quando os jogos deixaram de ser promovidos, as associações perderam sua razão de ser. Foi um desestímulo total.

Fotos: Vinícius Baptista

Reunidos na UFG, os convidados participaram da discussão aberta sobre o tema com foco no papel da escola

Nilva Pessoa

Lusimar Pinto

Tadeu João Baptista

José Carlos Vasques

CRIAÇÃO RECONHECIDA

Coordenação específica dá apoio técnico e encaminha pedidos de patente

Falta de informação é responsável pelo número ainda inexpressivo de patentes registradas no estado de Goiás. Acabar com esse problema é um dos principais objetivos da Coordenação de Transferência e Inovação Tecnológica

Angélica Queiroz e Michele Martins

No ano de 2004 foi sancionada a Lei nº. 10.973 que, entre outros pontos, determina a criação, pelas instituições de pesquisa de Núcleos de Inovação Tecnológica, os NITs. Em 2005 foi implantado na Universidade Federal de Goiás (UFG) um NIT sob a coordenação da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação (PRPPG). A partir de 2007, começou a funcionar a Coordenação de Transferência de Inovação Tecnológica para, entre outras atribuições, gerenciar as demandas de patente, que cresceram nos últimos anos, auxiliando os pesquisadores e dando suporte nos processos feitos pela UFG.

O assistente dessa coordenação, Milton Costa, explicou que o primeiro passo para se fazer um registro de patente é buscar os bancos de dados nacionais e internacionais para verificar se o objeto do pedido ainda não foi patenteando. Em seguida, é elaborada a redação da patente e só então a coordenação pode encaminhar o pedido ao Instituto Nacional de Propriedade Industrial (Inpi) que, em Goiânia, funciona no escritório da Junta Comercial do Estado de Goiás (Juceg).

A emissão do registro de patente, que já concede ao solicitante direitos de proteção sobre o objeto patenteado, pode demorar de três a seis meses após o depósito. Já a carta de patente requer mais tempo. De acordo com o Inpi, a concessão da patente depende da divisão técnica à qual pertença o pedido. Érica Guimarães, da coordenação de patentes do órgão, esclareceu que o prazo pode levar de seis a dez anos.

A procura pelo registro de patentes na UFG ainda é bem pequena. Milton Costa acredita que a demanda deverá aumentar, com a divulgação das atribuições da coordenação. Ele explicou que o maior entrave ainda são os trâmites burocráticos. De acordo com o coordenador de Transferência e Inovação Tecnológica da PRPPG, João Teodoro Pádua, o primeiro curso com o objetivo de prestar orientações gerais e incentivar os pesquisadores a pedirem patentes, realizado nos dias 13 e 14 de agosto e ministrado pela coordenadora de Transferência de Tecnologia da Universidade de Brasília (UnB), Rosângela Maria Ribeiro Luiz, já foi um passo na mudança desse cenário.

Vinícius Batista

Professor João Teodoro que coordena os processos da UFG

Fotos: Divulgação

A pesquisa que comprova a eficácia da santa-bárbara no combate ao carrapato originou pedido de patente

Quem não registra não é dono

Uma patente é um título de propriedade temporária sobre uma invenção ou um modelo de utilidade, concedida pelo Estado. De acordo com o Inpi, órgão responsável pela concessão de patentes no Brasil, esse título é um valioso e imprescindível instrumento para que a invenção ou a criação industrializável se torne um investimento rentável. O título dá direito ao seu portador de explorar comercialmente sua invenção.

Esse recurso é importante porque na maioria das vezes o desenvolvimento de novos produtos implica investimentos de alto custos para as pesquisas. Com a patente, os titulares previnem-se de que outros possam copiar e vender seu invento, às vezes até por um preço mais baixo, uma vez que não arcaram com os custos do projeto.

Quem deseja proteger um invento deve procurar o Inpi para depositar um pedido junto ao órgão. Depois de devidamente avaliado por um examinador de patentes e aprovado, será um título válido em todo o território nacional. Na maioria dos casos não é o detentor do título de patente quem explora comercialmente o produto. Normalmente as empresas interessadas estabelecem com o proprietário da patente os *royalties*, ou seja, quanto será pago a ele para que permita o uso ou a comercialização do seu produto, invento ou descoberta.

Universidade tem vários pedidos em tramitação

A coordenação que gerencia as patentes na UFG é ainda recente e, até o momento, depositou poucos pedidos, no Inpi, que ainda não foram concluídos. Um dos pedidos é da Escola de Engenharia Elétrica e de Computação (EEEC) e visa à proteção intelectual de um sistema de estimação de ângulos de incidência de ondas sobre arranjos de sensores, que funciona como uma antena de radar. Rodrigo Pinto Lemos, um dos pesquisadores que pediu a patente, explicou que o produto pode ser implementado em sistemas de ultrassom, radar, sonar e mesmo em antenas de celular, pois permite que a antena atue como um holofote, direcionando a potência sobre cada dispositivo móvel. Assim, pode-se usar menor potência de transmissão com maior eficiência na comunicação (aumento da capacidade de tráfego e redução da interferência).

Segundo Rodrigo, por ser a primeira vez que tentam uma patente, o mais difícil foi o fato de não saberem como era o processo ou mesmo como redigi-la. "Tivemos muitas dúvidas sobre a forma, pois os modelos que tínhamos de produtos similares eram todos de patentes estrangeiras que haviam sido registradas para uso no Brasil ou então eram patentes com regras de formatação e redação bem diferentes das exigidas pelo Inpi". O professor afirmou que a orientação prestada pela equipe da UFG foi essencial para eles nesse processo.

No mês de junho, a coordenação da UFG recebeu mais quatro pedidos de registro de patente para encaminhar ao Inpi. Outros quatro estão em fase de produção: um do Instituto de Ciências Biológicas (ICB), um da Faculdade de Odontologia (FO), um da Faculdade de Farmácia (FF) e um do Câmpus Jataí.

CNPq – Antes da coordenação da UFG, um dos órgãos que cuidava das patentes dos pesquisadores da universidade era o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). No momento, encontram-se em processo de cessão de titularidade do CNPq para a UFG sete patentes, a fim de que elas passem a ser acompanhas pela Coordenação de Transferência e Inovação Tecnológica.

Um desses pedidos de patentes foi feito em 2001, pelos professores Pedro Henrique Ferri e Lígia Miranda Ferreira Borges, do Instituto de Química (IQ). O produto sobre o qual eles depositaram o pedido de registro é composto por extratos de uma planta (*Melia azedarach*) eficaz no controle da reprodução de carrapatos bovinos que afetam o gado leiteiro e podem causar grandes prejuízos ao produtor. Os pesquisadores ressaltaram que o suporte oferecido pelo CNPq, na época, foi fundamental para que conseguissem fazer o pedido de patente.

Outros pedidos estão citados no quadro ao lado. A professora Emília Celma de Oliveira Lima, do IQ, explica que é co-autora de algumas patentes que contêm resultados de pesquisas realizadas na universidade, junto com outros pesquisadores e alunos, e que em 2005 teve uma patente depositada diretamente em seu nome porque à época do pedido o CNPq havia deixado de fazer esse serviço e a UFG ainda não o oferecia.

UFG acompanha solicitações em outras instituições

Existem ainda pedidos de patente encaminhados por outras instituições do país que têm a participação de pesquisadores da UFG. Estes estão também sendo acompanhados pela Coordenação de Transferência e Inovação Tecnológica.

Em 2004, um desses pedidos foi encaminhado pela Fundação de Amparo à Pesquisa da UFG (Funape), tendo como titulares o professor Celso José de Moura e o empresário Sinobilino Barreira de Souza, para um equipamento usado no processamento de paçoca de carne seca. O aparelho substitui o tradicional pilão manual. Segundo o professor, o projeto foi desenvolvido em parceria entre a UFG e o Sebrae Tocantins, por intermédio do Programa de Apoio Tecnológico a Microempresa (Patme). Celso relatou que, à época do pedido da patente, as dificuldades foram "todas as possíveis, faltava dinheiro e conhecimento sobre o processo de patente, por isso, foi um desafio entrar com esse pedido, que ainda não foi concluído", relatou o professor.

Outro pedido de registro de patente reúne o professor do IQ Denílson Rabelo, seu ex-orientando de mestrado Danns Pereira Barbosa e a professora Maria do Carmo Rangel, da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Encaminhada ao Inpi há dois anos, a inovação ainda está sendo avaliada e compreende a preparação de catalisadores à base de óxidos de ferro e carvão ativado que apresentaram atividades catalíticas muito superiores à de um catalisador convencional, mantendo alta seletividade para a produção de estireno (líquido oleoso incolor que pode dar origem a uma grande variedade de materiais plásticos). Segundo Denílson, a possibilidade de uso desses catalisadores na desidrogenação do etilbenzeno sem vapor d'água representa uma significativa diminuição dos custos operacionais das indústrias petroquímicas. No entanto, "a utilização do produto no setor produtivo depende de um estudo para produção em grande escala e do interesse de uma grande indústria", explica o professor.

Divulgação

Professor Celso Moura e sua máquina de processar paçoca

Processos de registro de patentes com a participação de pessoal da UFG em andamento

PRODUTO TECNOLÓGICO (DESCRIÇÃO)	INSTITUIÇÃO/ ANO	AUTORES/DEPARTAMENTOS
Processo para obtenção de micropartículas de liberação controlada para medicamentos	UFG / 2008	Eliana Martins Lima, Rodinelli Borges de Oliveira (doutorando) e Thais Leite Nascimento (mestranda) / (FF)
Preparação farmacêutica antitumoral contendo uma substância ativa originada da biodiversidade brasileira	UFG / 2008	Marize Campos Valadares Bozinis, Eliana Martins Lima, Kênnia Rocha Rezende, Valéria de Oliveira e Massuo Jorge Kato (FF)
Processo de obtenção da cera de carnaúba	UFG / 2008	Eliana Martins Lima (FF)
Sistema de estimação de ângulos de incidência de ondas sobre arranjos de sensores, que funciona como uma antena de radar	UFG / 2008	Rodrigo Pinto Lemos e outros pesquisadores (EEEC)
Software para cultura de café I	UFG / 2009	Fábio Partelli (EA) e outros pesquisadores
Software para cultura de café II	UFG / 2009	Fábio Partelli (EA) e outros pesquisadores
Polímero biodegradável	UFG / 2009	Denílson Rabelo e outros pesquisadores (IQ)
Estudo de associação de fungos	UFG / 2009	Mariângela Fontes Santiago e outros pesquisadores (FF)
Composto contendo extratos de *Melia azedarach*, eficaz no controle da reprodução de carrapatos bovinos	CNPq / 2001	Pedro Henrique Ferri e Lígia Miranda Ferreira Borges (IQ)
Expressão, atividade e aplicações dos polinucleotídeos codificadores do cromossomo da bactéria *Mycoplasma synoviae*	CNPq / 2004	Maristela Pereira e Célia Maria de Almeida Soares (ICB)
Expressão, atividade e aplicações dos polinucleotídeos codificadores do cromossomo da bactéria *Chromobacterium violaceum*	CNPq / 2002	Maristela Pereira e Célia Maria de Almeida Soares (ICB)
Processo de obtenção da substância bismetionina de zinco para suplementação nutricional de animais com um estômago ou com mais de um	CNPq / 2003	Aparecido Ribeiro de Souza e Lourival Cardoso de Faria (IQ) e Reginaldo Nassar Ferreira (ICB)
Obtenção de espumas sólidas a partir de hidróxido de alumínio e ortofosfato	CNPq / 2000	Emília Celma de Oliveira Lima, Patricia Pomme Confessori Sartoratto e Sérgio Botelho de Oliveira (IQ)
Nanocompósitos magnéticos sem afinidade com a água e que têm como base polímeros reticuladores porosos e óxido de ferro	CNPq / 2003	Emília Celma de Oliveira Lima, Patricia Pomme e Denilson Rabelo (IQ)
Fluidos magnéticos de ferrita de cádmio com propriedades ópticas.	CNPq / 2004	Emília Celma de Oliveira Lima (IQ)
Disposição construtiva em motor de indução linear tubular	USP / 2003	Bernardo Pinheiro de Alvarenga (EEEC) e outros pesquisadores
Fármacos fotossensíveis e fluidos magnéticos biocompatíveis no tratamento de neoplasias sistêmicas ativadas por irradiação luminosa ou campo magnético de alta frequência	USP/ 2004	Emília Celma de Oliveira Lima (IQ) e outros pesquisadores
Processo de obtenção de vermiculita expandida magnética com aplicações em remoção de agentes poluentes	USP/ 2005	Emília Celma de Oliveira Lima (IQ) e outros pesquisadores
Equipamento usado no processamento de paçoca de carne seca	Funape/ 2004	Celso José de Moura (EAEA) e outros pesquisadores
Preparação de catalisadores à base de óxidos de ferro e carvão ativado que apresentaram atividades catalíticas muito superiores à de um catalisador convencional	Autor/ 2007	Denilson Rabelo (IQ) e outros pesquisadores

Universidades e patentes

De acordo com o professor da Faculdade de Administração, Ciências Contábeis e Econômicas (Face), Luciano Martins Póvoa, as universidades geram um tipo diferente de inovação, pois muitos estudos dão prioridade à pesquisa básica ou às chamadas provas de conceito e não à criação imediata de um produto. Este, muitas vezes, é resultado da combinação de várias pesquisas e diversos elementos.

O professor, que pesquisou a situação de depósitos de patentes das universidades brasileiras do período de 1979 a 2004, afirma que a quantidade de patentes registradas por uma universidade pode ser um indicador de qualidade da instituição, abrindo para ela perspectiva de retorno financeiro. A universidade, ao solicitar uma patente, deve ter em vista estreitar vínculos com o setor produtivo, com o objetivo de transferir o conhecimento para a sociedade. Ele destacou que o interesse das empresas em investir em pesquisa e desenvolvimento (P&D) não é ainda suficiente. "É importante que a universidade registre patentes, mas o conhecimento também deve ser acessível ao setor produtivo, estimulando a competitividade e a inovação", conclui Luciano Póvoa.

Carlos Siqueira

Para Luciano Póvoa as universidades geram um tipo diferente de inovação

Ranking

De acordo com o site da Pró-Inovação Tecnológica, Protec, o Brasil solicitou mais patentes internacionais em 2008 (451) do que em 2007 (396) e com isso, o Brasil ascendeu da 27ª para a 24ª posição no *ranking*, superando países como Irlanda (444 depósitos), África do Sul (382), Turquia (367), Nova Zelândia (314), México (210) e Malásia (177).

Os dez primeiros lugares da lista de 2008 foram, em ordem decrescente: Estados Unidos (53.521), Japão (28.774), Alemanha (18.428), Coreia do Sul (7.908), França (6.867), China (6.089), Reino Unido (5.517), Holanda (4.349), Suécia (4.114) e Suíça (3.832).

Uma história de luta e conquistas

A Faculdade de Educação Física é um retrato da evolução por que passa a UFG desde a sua criação em 1960

Luciana Santal

Quem passa pelo Câmpus Samambaia e percebe a integração entre as unidades acadêmicas não pode imaginar como esse quadro se afigurava há 20 anos. A Faculdade de Educação Física (FEF) é um exemplo das grandes mudanças que ocorreram nesse período. Criada durante o período militar, era designada como Coordenação de Educação Física e Desportos (CEFD), situação estendida até o ano de 1996, quando finalmente passou a ser denominada estatutariamente Faculdade de Educação Física.

A coordenação funcionava com aproximadamente 33 professores e quatro técnicos desportivos para atender à prática esportiva de toda a UFG. Os alunos de todos os cursos eram obrigados, legalmente, a cursar a disciplina Educação Física por um período de dois anos e somente colavam grau após o cumprimento dessa determinação. Nessa época, mais de três mil alunos praticavam diferentes modalidades de ginástica e esportes como natação, futebol/futsal, voleibol, basquetebol, judô.

Em meados da década de 1980, a obrigatoriedade foi reduzida pelo Conselho Coordenador de Ensino e Pesquisa (CCEP) para apenas um ano. Todas as atividades passaram por uma reorientação, pois os alunos-calouros deveriam ter prioridade. Consequentemente, a frequência e o número de praticantes foram reduzidos. Além das atividades obrigatórias, a CEFD oferecia diferentes atividades de extensão para a comunidade. Diante da grande demanda pelas modalidades esportivas, era prática comum a utilização de senhas no ato das matrículas no início de cada ano letivo.

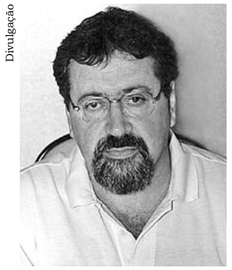
Durante esse período, a CEFD realizou mais de uma dezena de Olimpíadas Universitárias Internas, com envolvimento de grande número de estudantes, professores e servidores técnico-administrativos. Existia também o apoio ao desenvolvimento e treinamento de equipes de várias modalidades esportivas para participarem dos Jogos Universitários Goianos (JUGs), Jogos Universitários Brasileiros (JUGs) e campeonatos locais, especialmente na cidade de Goiânia. De acordo com o ex-diretor da FEF, Nivaldo David, as práticas esportivas da UFG sofreram uma retração em consequência da não-obrigatoriedade da Educação Física para todos os alunos da universidade e da criação da faculdade, que encerrou a fase de centro esportivo da CEFD, na qual o espaço físico chegava a ser utilizado quase como um clube.

Em 1988, foi criada a graduação em Educação Física, com o primeiro vestibular já em 1989. Apesar disso, a CEFD só se tornou faculdade pela Portaria nº 1.150, de 7 de novembro de 1996. O curso tornou-se referência na formação de professores de Educação Física, conforme o reconhecimento de estudantes do Encontro Nacional de Estudantes de Educação Física (Eneef) e de vários teóricos e pesquisadores da área. O diretor da FEF, Marcus Fraga, lembra que houve muita resistência à criação do curso de Educação Física na UFG, uma vez que havia uma graduação nessa área na Escola Superior de Educação Física de Goiás, atual Eseffego-UEG. Segundo o diretor, o curso da UFG conseguiu se sobressair porque pautou-se por uma teoria crítica de educação, foi vinculado às Ciências Humanas e deu ênfase à formação docente.

Carlos Siqueira

Marcus Fraga, diretor da Faculdade de Educação Física

Divulgação



Nivaldo David, ex-diretor e participante da criação da FEF

Os cursos de Educação Física dos Câmpus Catalão e Jataí foram criados por iniciativa da FEF, que manteve o mesmo projeto curricular e igual preocupação com a qualidade do ensino. Após a consolidação da graduação, foram implantados cursos de especialização e de capacitação de professores, assessorias ao sistema público de educação municipal e estadual e núcleos de estudos mais sistematizados. Outra conquista foi o lançamento da revista *Pensar a Prática* que, desde 1998, vem cumprindo o propósito de estabelecer diálogo entre a realidade do trabalho docente e a produção de conhecimentos científicos na área de Educação Física.

A infraestrutura da Faculdade de Educação Física ocupa uma área de aproximadamente 100 mil metros quadrados, que abrigam: um campo de futebol oficial gramado; cinco quadras esportivas descobertas; uma quadra poliesportiva coberta; uma piscina olímpica; uma piscina infantil; um prédio com dois pavimentos (administração central, cinco salas de aula, uma sala de ginástica e musculação, duas salas de dança, ritmos e movimentos, uma sala de vídeo, um auditório, um centro de estudos da atividade física e saúde; um laboratório de informática); gramados, jardins e pátios para práticas corporais; um ginásio e uma pista de atletismo oficial.

A FEF continua em processo de expansão. A primeira turma de bacharelado em Educação Física ingressou em 2009 e, no primeiro semestre de 2010, haverá o vestibular para o curso de licenciatura em Dança. O início da construção de um novo prédio, que abrigará as salas de aula para os cursos, está previsto para setembro e o término das obras, para meados de maio próximo. A unidade contará com um miniauditório, salas climatizadas, salas específicas para dança. O prédio atual já está em reforma e, futuramente, abrigará apenas a administração, salas de professores e laboratórios.

Foto: Carlos Siqueira

Pista de atletismo, salão para aula de dança e piscina semi-olímpica compõem o laboratório didático do curso de Educação Física

Cursos para a comunidade

A cada semestre letivo, a Coordenação de Extensão e Cultura da FEF oferece à comunidade atividades físicas na área de dança de salão e do ventre, *street dance*, ginástica localizada, hidroginástica, musculação, natação, voleibol adulto (iniciante e avançado para ambos os sexos). Os interessados devem procurar a coordenação e efetuar pagamento semestral de R$40,00 para as atividades realizadas duas vezes por semana e 45 reais, três vezes por semana. Mais informações no telefone (62)3251-1185.

Identidade estudantil vive novo momento

Esporte, música e diversão incentivam estudantes da UFG a partilhar experiências em associações atléticas. Atualmente, 15 cursos buscam regularizar essa iniciativa

Patrícia da Veiga

Fotos: Paulo Ernani Ortegal

A batucada faz parte da tradição das associações atléticas acadêmicas. Em destaque no último InterUFG, realizado no Sesi Clube Antônio Ferreira Pacheco, as baterias Madrasta (Medicina) e Mafiosa (Direito)

Saudosos das antigas olimpíadas estudantis, graduandos dos cursos de Medicina, Odontologia, Direito, Veterinária, Agronomia, Engenharias Elétrica, da Computação e Civil, Psicologia, Enfermagem, Farmácia, Biologia, Nutrição, Biomedicina e Administração retomam a iniciativa das associações atléticas acadêmicas. "Víamos os troféus antigos, dos anos 70, de campeonatos universitários de que nossos professores haviam participado e sonhávamos em retomar esse encontro", revela o estudante do 8° período de Medicina Silvio Gonçalves Mesquita Júnior. Em um movimento contínuo desde 2001, quando surgiu a Associação Jofre Marcondes de Rezende, do curso de Medicina, os estudantes experimentam novos modos de construir sua identidade acadêmica: pelo esporte, pela música e pelo lazer.

Nem sempre vinculadas aos Centros Acadêmicos, as associações atléticas elegem diretores por modalidades esportivas (cerca de onze, incluindo vôlei, futebol, natação, entre outras) e buscam organizar equipes que possam participar de futuras competições universitárias. Os adeptos chegam tímidos, mas logo a brincadeira toma proporções eufóricas e torna-se conquista de um espaço. "No início tive de integrar equipes de outros cursos, mas agora está uma febre na Agronomia, existem várias equipes treinando", anuncia Nayara Hanine, estudante do 5° período e presidente da associação atlética do seu curso, criada em 2007.

A integração entre os estudantes, nas associações atléticas, também vem pelo som. Para incentivar as equipes nas competições, são formados grupos de torcidas chamados de "baterias". Essas baterias, normalmente, reúnem instrumentos de percussão e dezenas de estudantes dispostos a fazer barulho. Barulho organizado, claro, com direito a profissional ensinando a batucar. "Fizemos rateio para comprar 40 instrumentos e contratar um músico. Afinal, a maioria não tocava nem campainha!", lembra Paulo Ortegal, estudante do 10° período do curso de Direito e secretário-geral de sua "atlética", como os estudantes preferem chamar a associação.

As baterias carregam irreverência. Surgem nomenclaturas próprias e que quebram a seriedade da vida acadêmica: a Neurótica da Psicologia, a Mafiosa do Direito, a Gambiarra da Engenharia Elétrica, entre outras, fazem trocadilho com o baticum. Das 15 atléticas que existem hoje na UFG, apenas duas não têm bateria. "Não é obrigatório, mas ajuda bastante a manter as associações", comenta Lucas Alves, estudante do 8° período de Engenharia Elétrica e presidente da Liga das Engenharias, que reúne atléticas de quatro cursos.

Regularização – Depois da Medicina, surgiu a associação atlética da Odontologia, da Engenharia Elétrica e, logo em seguida, houve uma verdadeira explosão. Nesse processo, uma delas se destacou por buscar transformar-se em pessoa jurídica sem fins lucrativos: a atlética do curso de Direito. Depois de reunião registrada em ata, foi feito estatuto e registro em cartório, com a assinatura de um advogado.

O exemplo é hoje repassado às demais associações com o apoio da Reitoria, por meio da Pró-reitoria de Assuntos da Comunidade Universitária (Procom), que oferece assessoria jurídica aos interessados.

Teste triplo para a aprovação no curso de Matemática

Angélica Queiroz

Os candidatos que disputaram as 110 vagas oferecidas no Processo Seletivo 2009-1 para os cursos de licenciatura e de bacharelado em Matemática da UFG em Goiânia tiveram de se submeter a uma terceira etapa do concurso. Isso porque, a partir deste ano, foi introduzido, para ingresso nesses cursos, o Processo Seletivo Estendido. Segundo o coordenador de graduação do Instituto de Matemática e Estatística (IME), Maurício Donizetti Pieterzack, a decisão de criar o vestibular estendido ocorreu principalmente para diminuir o alto nível de evasão registrado nesses cursos.

No total concorreram 240 candidatos. Após o resultado da segunda fase do concurso, os candidatos aptos a participar do Processo Seletivo Estendido confirmaram a sua participação na terceira etapa, junto ao Centro de Seleção. Essa etapa consistiu na participação em duas disciplinas básicas do curso, Introdução ao Cálculo e Geometria Analítica, durante o primeiro semestre deste ano. Assim, por meio de um registro acadêmico temporário, 167 candidatos cursaram as disciplinas, no período de 2 de março a 28 de junho, nas dependências da UFG, no Câmpus Samambaia. Para cada disciplina foram aplicadas três avaliações, elaboradas e corrigidas por uma comissão designada pelo Centro de Seleção da UFG.

Os candidatos que obtiveram uma pontuação superior a 5 pontos e frequência às aulas igual ou superior a 75% em cada uma das disciplinas foram considerados aprovados. A média final do candidato para fins de classificação no Processo Seletivo Estendido foi obtida pela média dos pontos acumulados nas três etapas do concurso.

No dia 17 de julho foi divulgada a lista dos 86 candidatos aprovados no concurso, sendo 47 para o bacharelado e 39 para a licenciatura. Só depois disso é que o registro acadêmico definitivo foi efetuado pelo Departamento de Assuntos Acadêmicos (DAA). Aos candidatos aprovados nas disciplinas da Terceira Etapa que não foram classificados para o preenchimento das vagas, foi concedido um certificado de participação em Projeto de Extensão da UFG.

De acordo com a diretora do IME, Gisele Araújo Prateado Gusmão, as vagas que restaram serão preenchidas conforme editais para vagas remanescentes. Ainda está sendo estudada a aplicação desse processo seletivo estendido também para os cursos de Matemática dos câmpus de Catalão e Jataí.

Calouros do meio do ano fazem matrícula

Conforme previsto em edital, foi publicado, no dia 17 de julho, o resultado do Processo Seletivo 2009-2 da Universidade Federal de Goiás (UFG), além do resultado do Processo Seletivo Estendido para a licenciatura e o bacharelado em Matemática de Goiânia, referente ao Processo Seletivo 2009-1. O movimento tranquilo marcou o cadastramento e a matrícula dos calouros, nos dias 27 e 28 de julho, no Centro de Cultura e Eventos, no Câmpus Samambaia. No total, 9.708 alunos se inscreveram para as 567 vagas distribuídas em 15 cursos de graduação. Destas, 438 foram preenchidas pelo chamado sistema universal, 110 pelo programa de ações afirmativas UFGInclui, seis por quilombolas e três por indígenas.

Este foi o segundo vestibular do Programa UFGInclui, com reserva de vagas para alunos provenientes de escolas públicas (10% das vagas de cada curso), para alunos negros (outros 10%) que cursaram os cinco últimos anos em escola pública e também para estudantes indígenas e quilombolas – em ambos os casos é destinada uma vaga extra em cada curso. O aluno que optou pelo programa no ato da inscrição precisou comprovar que atende às exigências do edital. Apenas os cursos que oferecem menos de dez vagas não fazem parte do Programa UFGInclui.

No Processo Seletivo 2009-2, o candidato pôde aproveitar a nota do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) realizado nos anos de 2006, 2007 ou 2008. A primeira fase do Processo Seletivo teve 20% de questões interdisciplinares. Para o vestibular 2010-1 ainda não foi confirmada qual a porcentagem de questões desse tipo comporá a prova.

Escola de Física atrai estudantes do ensino médio

A oportunidade de vivenciar experiências conhecidas até então somente na teoria fez aflorar ainda mais o interesse pela Física entre os participantes

Michele Martins

Quem disse que adolescentes não gostam de estudar Física? Em pleno início de férias escolares, mais de 300 estudantes do ensino médio de escolas da capital e interior de Goiás participaram da terceira edição da Escola de Física. O encontro foi realizado nos dias 8, 9 e 10 de julho pelos docentes do Instituto de Física (IF) da UFG. A iniciativa é decorrente do projeto de extensão proposto pelo Núcleo de Pesquisa em Ensino de Física, cujo objetivo é aproximar estudantes do ensino médio da universidade e despertar o interesse deles pelo estudo da Física. "Os alunos sempre querem saber um pouco de tudo. Existe uma interação muito grande com os professores universitários", afirmou um dos coordenadores do evento, o professor Paulo Celso Ferrari.

Professor Gilberto Antônio Tavares em uma das atividades da programação mais esperadas pelos estudantes: o laboratório didático de Eletricidade

Este ano os organizadores do evento escolheram como tema central o Ano Internacional da Astronomia (veja mais na página 13) e promoveram palestras sobre as bases da astronomia moderna e o lixo espacial, além de uma sessão no Planetário da UFG. Outros assuntos abordados foram os aceleradores de partículas, a física aplicada à química e à biologia, a spintrônica e os números aleatórios. Uma das atividades mais aguardadas pelos estudantes foi a apresentação do laboratório didático de Eletricidade e de Mecânica. Para muitos ali presentes, essa foi a primeira vez que vivenciaram experiências conhecidas até então somente na teoria. Uma delas, a estudante do terceiro ano do Colégio Militar de Itapuranga, Laís Correia, considerou marcante a visita ao planetário, onde nunca havia estado antes.

De acordo com Paulo Celso Ferrari, a preocupação em promover algum evento que contemplasse os alunos do ensino médio surgiu em 2007. Logo na primeira edição da Escola de Física o número de inscrições superou as expectativas, confirmando que havia uma demanda e muita curiosidade dos adolescentes em conhecer melhor os estudos da Física. "Começamos timidamente, pensando que não íamos atingir muitos alunos, mas conseguimos lotar dois auditórios com mais de 400 alunos inscritos", declarou o professor.

fotos: Carlos Siqueira

Professor Paulo Celso Ferrari a intenção é aproximar cada vez mais a universidade e o ensino médio

Outro aspecto positivo também pode ser computado no balanço geral do evento. A iniciativa tem influenciado os estudantes do ensino médio na escolha do curso superior. "Hoje temos alunos na graduação que se decidiram pelo curso depois de participar da Escola de Física", lembrou o professor Luiz Gonzaga Roversi Genovez. Esse foi o caso de Igor Ian Alcântara de Souza, que este ano acompanhava a palestra de abertura do evento como calouro da graduação em Física.

Nas próximas edições, os coordenadores pretendem incluir palestrantes que não sejam só da universidade "mas também os professores do ensino médio como colaboradores ou apresentando trabalhos", explicou Paulo Celso Ferrari.

Para além da zona de conforto no APRENDIZADO

Caroline Pires

Que estudante nunca se viu confuso diante de disciplinas do chamado 'núcleo duro'? O ensino dessas disciplinas pode se tornar mais eficiente com a aprendizagem baseada em problemas (ABP), um método que começou a ser aplicado na década de 1980 nos Estados Unidos e hoje é uma das vertentes mais promissoras para a educação superior em diversas áreas. O maior diferencial da ABP é que ela retira o estudante e o professor da 'zona de conforto' e leva-os a compreender o aprendizado de forma integrada, articulando os vários conhecimentos adquiridos na sala de aula, muitas vezes vistos isoladamente.

Na UFG, o método começou a ser aplicado em 2006 pelo professor Getúlio Antero de Deus Júnior, da Escola de Engenharia Elétrica e da Computação (EEEC). Atualmente, a ABP é aplicada na disciplina Teoria de Telecomunicações, mas ainda de forma parcial, uma vez que a aplicação plena da metodologia só seria possível com a inclusão de mais matérias da EEEC, conforme esclarece o professor. O método propicia aos professores e alunos aprendizado constante e prevê a realização, ao longo do curso, de avaliações do processo educacional, o que contribui para o aprimoramento progressivo da disciplina.

Vinícius Batista

Ao centro o professor Getúlio Antero e alunos da EEEC/UFG que aprovam a experiência de aprendizagem em problemas

De acordo com o estudante Maurício Andrade, "o método é uma experiência acadêmica engrandecedora e laboriosa, pois é preciso dedicar-se à busca de conhecimento, tendo o professor como um tutor e não simplesmente um representante do método tradicional de ensino". A aplicação do método na EEEC foi baseada na tese de Luis Roberto de Carvalho Ribeiro defendida na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar).

Pelo método, os alunos são confrontados com uma situação problema e, divididos em grupos de trabalho, debatem e investigam suas possíveis soluções. A ABP permite desenvolver nos estudantes uma visão crítica sobre determinado problema cotidiano e o hábito de pensá-lo de maneira contextualizada e global. A motivação, a criatividade e o pensamento crítico, além do trabalho em grupo, proporcionam aos estudantes uma formação que usualmente não alcançariam, se as disciplinas fossem ministradas no formato tradicional. Segundo teóricos da ABP, o método fomenta atitudes empreendedoras, criativas e ativas diante das situações corriqueiras do mundo do trabalho.

Redescobrindo a astronomia no Câmpus Jataí

Atividade de extensão do curso de Física explora cenário do céu noturno

Kharen Stecca

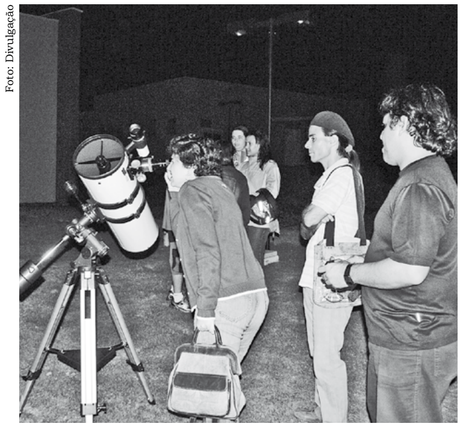
O projeto "Redescobrindo a Astronomia: uma janela para o céu do Cerrado" tem o objetivo de popularizar essa ciência tão antiga, mas hoje distante da comunidade. Coordenado pelo professor Alessandro Martins, com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), este é um projeto de extensão e cultura e mobiliza grande número de professores, técnicos e estudantes.

Entre as atividades que serão realizadas pelo projeto a partir deste semestre estão a observação astronômica, que teve uma primeira amostra no dia 8 de julho no Câmpus Jatobá. Com o uso de telescópios refletores e a ajuda de monitores, a comunidade pôde observar o céu noturno e identificar estrelas e planetas. Observações como esta, agregadas a diversas outras atividades, como palestras e exposições temáticas, vão aproximar jovens e adultos da Astronomia. "Nossa intenção é levar este tipo de atividade a outros locais da cidade, como os parques e lagos", diz o professor Alessandro.

Mas a maior atração do projeto é mesmo o Planetário Móvel. A estrutura inflável de seis metros de diâmetro funcionará tal qual um planetário fixo, mas pode chegar aos mais diversos ambientes, levando a descoberta das constelações por meio da projeção de imagens em sala ambientada para tal. Utilizando tecnologias simples e versáteis, além de vários *softwares* abertos, o grupo de trabalho consegue fazer do pequeno ambiente uma verdadeira janela para o céu. A estrutura já está na universidade em fase de testes e deve ser apresentada em breve à comunidade.

Segundo o professor, o objetivo do projeto é permitir o acesso do grande público aos conhecimentos científicos. "O importante é fazer com que as pessoas entendam que ciência não é um emaranhado de ideias e que expressa a natureza de forma simples e interessante", diz Alessandro.

Foto: Divulgação



Comunidade jataiense não desperdiçou uma rara oportunidade de realizar observação astronômica noturna

Jataí é uma região carente de estruturas de divulgação científica. "Os museus de ciência, planetários e observatórios concentram-se apenas na capital, o que inviabiliza a maior participação da comunidade do sudoeste goiano em atividades de cunho científico", explica o professor. Com a iniciativa, o projeto busca dinamizar o ensino formal da Física: "Queremos abrir a exposição a toda a comunidade, assim todos terão a oportunidade de aprender sobre astronomia de forma prática e interativa", explica.

No segundo semestre será montada também uma exposição fixa na Unidade Riachuelo do Câmpus Jataí que funcionará de quinta-feira a sábado, para os estudantes e a comunidade em geral. Oficinas de vídeos e *softwares* educativos e até um relógio solar também fazem parte do projeto. Um telescópio virtual ajudará na projeção de imagens, imitando o real, permitindo que estudantes tenham acesso às imagens do céu noturno também durante as visitas diurnas.

Com tanta criatividade e conhecimento, os professores esperam ainda atrair maior atenção para o estudo da Física: "Temos uma carência enorme de pessoas interessadas por essa área do conhecimento e uma demanda crescente por profissionais. Por isso, o projeto tem como um dos objetivos instigar os jovens a buscar os cursos de Física como área de formação profissional", ressalta Alessandro.

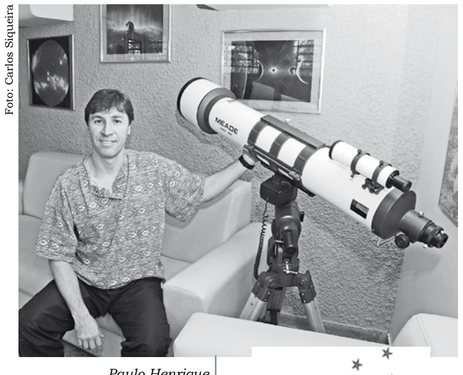
Professor da UFG participa de encontro internacional

Michele Martins

Paulo Henrique Azevedo Sobreira, docente do Planetário do Instituto de Estudos Sócio-Ambientais (Iesa) da UFG, participou da Assembleia Geral da União Astronômica Internacional (IAU, em inglês) realizada na cidade do Rio de Janeiro entre os dias 3 e 14 de agosto. Geógrafo e também cosmógrafo, Paulo Henrique é doutor em Geografia Física pela Universidade de São Paulo (USP). Na ocasião do encontro, ele apresentou três trabalhos, um sobre a história do Planetário da UFG e dois sobre a Astronomia no ensino de Geografia, que foi o tema da sua tese, defendida em 2006.

A IAU foi fundada há 90 anos e congrega astrônomos de todo o mundo. A assembleia reúne-se a cada três anos. Do encontro deste ano, participaram cerca de três mil pessoas, de mais de 70 países. Sediar, pela primeira vez, o encontro representou para o Brasil o reconhecimento da contribuição do país à ampliação dos conhecimentos astronômicos.

Foto: Carlos Siqueira



Paulo Henrique Azevedo, um dos brasileiros que participou da Assembleia Geral da União Astronômica Internacional, realizada no Rio de Janeiro

IAU
XXVII GENERAL ASSEMBLY
AUGUST 2009 • RIO DE JANEIRO • BRAZIL

2009 é o Ano da Astronomia

A invenção do telescópio é atribuída a Galileu Galilei e data de 1609. Desde então o homem pôde equipar-se cada vez melhor para a aventura de desvendar o universo infinito e muitos de seus segredos. Para comemorar os 400 anos dessa iniciativa que revolucionou o conhecimento humano, foi instituído o ano de 2009 como o Ano Internacional da Astronomia.

Astrônomos de instituições de pesquisa de 145 países, que formam uma estrutura de nós locais, regionais e nacionais, estão empenhados em um esforço inédito para difundir os conhecimentos dessa ciência milenar e mostrar o céu a milhões de pessoas, sob um olhar especial. O Planetário da UFG é o representante do estado de Goiás perante a comissão organizadora brasileira vinculada à União Astronômica Internacional (IAU).

Cerca de mil pessoas já participaram de eventos públicos gratuitos promovidos este ano, com sessões especiais, na cúpula do planetário, acompanhadas de narrações ao vivo acerca de fenômenos vistos no céu. No segundo semestre, os eventos mensais gratuitos serão realizados nas seguintes datas e horários: 28 de agosto e 25 de setembro (às 19 horas); 23 de outubro e 27 de novembro (às 20 horas).

O Planetário da UFG fica no Parque Mutirama, na Av. Contorno s. n. – Setor Central. As senhas para as sessões são distribuídas com antecedência de cerca de 30 minutos. Mais informações pelos telefones (62)3225-8085 e 3225-8028 ou no endereço eletrônico www.planetario.ufg.br

Pesquisa registra modo de falar do goiano

Fernanda Limírio

A partir do segundo semestre, inicia-se no Câmpus Catalão o projeto denominado "Valigo: variação linguística em Goiás", coordenado pela professora do Departamento de Letras do CAC, Gisele da Paz Nunes. O projeto visa pesquisar a variação linguística de cada região e construir, ao final da investigação, um mapa linguístico de Goiás, que tem por finalidade demonstrar o modo de falar do goiano. A pesquisa é pioneira no estado de Goiás e a sexta em todo o país. Participam também do estudo a professora do mesmo departamento, Erislane Rodrigues Ribeiro, um bolsista Prolicen e três estudantes voluntários da graduação.

Segundo a professora, estabelecer um mapa linguístico é de extrema importância para a região, da mesma forma que ter um mapa geográfico. "O falar da região é a identidade do povo; os gaúchos, por exemplo, são conhecidos por falar 'ba, tchê', os mineiros 'uai'. Não sabemos ainda a identidade lingusistica de Goiás", afirma Gisele.

A metodologia de pesquisa será por amostragem e células, observando-se critérios como faixa etária, escolaridade, sexo e profissão. A amostra será composta de 20 pessoas por célula, tanto na zona urbana quanto na rural. De acordo com Gisele, a amostra não será fixa por cidade, pois corre-se o risco de não alcançar o número suficiente de pessoas de cada célula investigada, não oferecendo base para construir o mapa linguístico. A fala dos idosos, por exemplo, difere da fala dos adolescentes, por isso é necessário construir a amostra por célula, para conhecer a variação da fala em diferentes grupos da região.

Para traçar o mapa linguístico dos indivíduos pesquisados será utilizado o recurso de gravação da fala. Em relação à validade da pesquisa, o critério adotado será investigar somente pessoas nascidas na região e que não permaneceram muito tempo fora dela. Como a investigação será feita em todas as cidades do estado de Goiás, Gisele da Paz acredita que os primeiros resultados serão obtidos após dois anos. Segundo a professora, a previsão para obtenção dos resultados finais é de cerca de 15 anos.

Novo canal de comunicação

Agnes Arato

A Universidade Federal de Goiás já dispõe de um novo canal de comunicação com a comunidade: o *twitter* oficial da UFG (@ufg_oficial). Quem seguir a universidade na rede social, em franca expansão, receberá em primeira mão todas as notícias e reportagens veiculadas pela Assessoria de Comunicação (Ascom) da UFG.

Além de receber as informações sobre a instituição, o usuário do Twitter poderá interagir com a UFG, por meio da ferramenta, fazendo perguntas, sugerindo pautas para reportagens e coberturas para o **Jornal UFG**, enviando críticas etc. O *twitter* da UFG, que será mantido pela Coordenadoria de Imprensa da Ascom, chega para ampliar as possibilidades de interação com o público, já que, segundo pesquisas recentes, a ferramenta é a que mais cresce no Brasil e no mundo. Vale lembrar que os canais tradicionais continuam ativos. Para contatar a Ascom, além do *twitter*, a comunidade tem à disposição o e-mail imprensa@reitoria.ufg.br e os telefones (62)3521-1310 3521-1311.

A Ascom aproveita a oportunidade para esclarecer que apenas as publicações realizadas pelo perfil disponível em http://twitter.com.ufg_oficial são oficiais da instituição. Lembramos ainda que o domínio www.ufg.br é protegido por direitos autorais, conforme a política de privacidade da instituição.

Ferramenta – O Twitter é a rede social que mais cresce no Brasil: de 225 mil usuários residenciais em janeiro este ano, saltou para 999 mil usuários em abril, segundo informações do Portal G1. Cada vez mais, instituições, empresas e até políticos brasileiros têm participado de redes sociais para estreitarem a comunicação com seus públicos-alvos. Assim, a UFG, atenta às novas tendências de comunicação, adere também à essa ferramenta.

CAI
Coordenadoria de Assuntos Internacionais

Projetos da UFG submetidos ao programa de cooperação Brasil–Estados Unidos são aprovados

A Universidade Federal de Goiás foi contemplada nos três projetos que apresentou ao programa de cooperação entre instituições de ensino superior do Brasil e dos Estados Unidos (EUA). Os interessados poderão receber bolsas para a graduação-sanduíche, financiadas pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) e pela Fund for the Improvement of Post Secondary Education (Fipse). É condição prioritária o domínio do inglês. Os intercâmbios deverão ocorrer em 2010 em períodos de até seis meses. Mais informações: CAI.

Os projetos da UFG aprovados contemplam várias áreas:

- "Magneet – música além das fronteiras: gerando novas experiências para estudantes talentosos", da Escola de Música e Artes Cênicas (EMAC), coordenado pelo professor Eduardo Meirinhos, tendo como parceiras a Marshall University Research Corporation, a Morehead State University e a Universidade do Estado de Santa Catarina.
- "Planejamento urbano e sustentabilidade", do Instituto de Estudos Socioambientais (Iesa), coordenado pelo professor João Batista de Deus, tendo como parceiras a California State University Northridge, a University of Massachusetts at Amherst e a Universidade Federal de Uberlândia.
- "Intercâmbio entre Iowa e Centro-Oeste brasileiro em Administração e Agronomia", das áreas de Agronomia (EA), Administração (Face) e Comunicação (Facomb), coordenado pelo professor Juarez Patrício de Oliveira Júnior, tendo como parceiros a University of Northern Iowa, o Hawkeye Community College, o Kirkwood Community College e a Universidade de Brasília.

Novas oportunidades de intercâmbio acadêmico internacional

Alunos do Programa de Intercâmbio Acadêmico Internacional (Piai) reuniram-se com o reitor Edward Madureira Brasil, no dia 22 de julho, para receber uma mensagem de incentivo e um *kit* de divulgação da universidade no exterior. Cerca de 50 estudantes de várias unidades acadêmicas da UFG foram selecionados, por meio de editais, pela Coordenadoria de Assuntos Internacionais (CAI).

Rodrigo Rosa

Sentimento de expectativa contagia os estudantes que se reuniram antes da partida

De acordo com o reitor, a UFG está buscando novos convênios e novas parcerias para que o programa de intercâmbio cresça continuamente. "A meta de 300 estudantes fora do país por ano é bastante provável. Este é o número de uma universidade que almeja crescer e ocupar um espaço internacional", explica. Além disso, Edward pediu aos estudantes que levem a UFG aonde forem e mostrem que no interior do Brasil se faz universidade de qualidade, com um trabalho sério, que oferece oportunidades interessantes aos seus acadêmicos. "O sucesso desse programa depende muito das realizações dos alunos enquanto estiverem no exterior", completa. O estudante de Direito, Rogério Rocha, agradeceu em nome dos colegas a ajuda que a CAI empreendeu, desde a publicação do edital até os procedimentos com as embaixadas.

A participação de estudantes de graduação no PIAI é regulamentada pela Resolução nº 828 do Conselho de Ensino, Pesquisa, Extensão e Cultura (Cepec). Esse documento prevê que o intercâmbio pela UFG pode ser feito por meio de convênios, nos quais o aluno tem isenção de taxas na universidade de destino, e de programas, como o Capes–Brafitec, Capes–Brafagri, Capes–Fipse, Isac–Erasmus Mundus e o Programa de Bolsas Luso-Brasileiras Santander Universidades.

Estudantes fazem curso de verão nos Estados Unidos

Dois estudantes do Instituto de Física (IF) da UFG, Lorraine Andrade Malaspina (graduação, 7º período) e Rafael Silva Nunes (mestrado) participaram da Escola de Verão na Indiana University of Pensilvânia, Estados Unidos (EUA), no período de 22 de junho a primeiro de julho. Os estudantes ficaram instalados em alojamentos da universidade americana e receberam bolsas da Associação de Cristalografia Americana (ACA).

De acordo com os acadêmicos, a participação nesse curso de verão foi de extrema importância. Na ocasião, tiveram acesso a conhecimentos mais aprofundados em cristalografia, com os professores de maior renome na área, que ficavam todo o tempo à disposição para esclarecer dúvidas dos participantes. Puderam também interagir com os equipamentos e *softwares* mais avançados para o tratamento de dados experimentais.

Rafael Nunes e Lorraine Malaspina (centro) entre os professores estrangeiros

Divulgação

Rafael Nunes destacou que o curso oferece a oportunidade de contato com futuros orientadores e Lorraine Malaspina declarou ter se surpreendido com as facilidades oferecidas aos estudantes estrangeiros em cursos de pós-graduação em universidades americanas. A convite da ACA, Lorraine ministrou palestra sobre o curso, no encontro anual da associação, em Toronto, no Canadá, no dia 25 de julho.

ARTIGO

JURACY DA SILVA GUIMARÃES *

Democratização da prática esportiva na UFG – primeiras reflexões

Na esteira das análises críticas que vêm sendo feitas sobre as manifestações do fenômeno esportivo nos vários contextos da sociedade moderna, é importante destacar a capacidade de mobilização (material, econômica e social) que tem o esporte e os eventos esportivos, organizados para se atingir os mais variados objetivos. Desde as celebrações ritualísticas da Antiguidade grega, passando pelo surgimento dos princípios da competitividade, exclusão e busca do *record*, no final do século XVIII, na Inglaterra, até o momento atual de espetacularização das competições, observa-se a crescente presença do esporte no cotidiano dos vários segmentos da sociedade.

Na perspectiva da lei geral dos esportes brasileiros – Lei nº 9.615, de 24 de março de 1998, a chamada Lei Pelé –, o esporte é reconhecido sob o ponto de vista, tanto das manifestações do lazer/participação, quanto do alto rendimento e da função educacional. Essa última corresponde ao conjunto de manifestações esportivas praticadas nos sistemas de ensino (ou a partir dele!), espaço em que se deve evitar a seletividade e a hipercompetitividade dos praticantes e que tem como objetivo o desenvolvimento integral do indivíduo para o exercício crítico da cidadania.

Com o objetivo de contribuir para a organização e otimização das práticas desportivas no interior da UFG, foi apresentada pela Faculdade de Educação Física (FEF), no início do ano de 2003 uma proposta de política de esporte e lazer (disponível em www.fef.ufg.br). Essa proposta foi elaborada por um coletivo de professores e alunos da UFG sob a coordenação da FEF. Além dos esclarecimentos conceituais – necessários em toda proposta de política pública – buscou-se apresentar sugestões práticas de organização e incentivo às várias manifestações desportivas e culturais de maneira articulada com as políticas públicas estaduais e federais.

Entretanto, há que se destacar a não implementação até agora da referida proposta como um fator de manutenção do atual cenário esportivo no interior da UFG. Isto é, as práticas desportivas e culturais da instituição são realizadas de maneira dispersa e partindo de iniciativas isoladas. Como exemplos, podemos citar o caso do Festival de Cultura Corporal realizado pela FEF nos anos de 2006 e 2007 e dos Jogos InterUFG que foram realizados nos anos de 2007, 2008 e 2009 pelas Associações Atléticas Acadêmicas dos cursos de Medicina, Odontologia e Direito, respectivamente.

No que se refere à manifestação do esporte de rendimento praticada por alunos da UFG, merece destaque a recente participação na fase estadual das Olimpíadas Universitárias 2009, realizada pela Federação Goiana de Desportos Universitários (FGDU), na qual sagrou-se vice-campeã geral. Não fossem as limitadas condições materiais (uniformes, equipamentos e infraestrutura), de organização e treinamento das equipes representativas da instituição, o resultado poderia, com certeza, ser comemorado mais efusivamente.

Por fim, é imperativa a criação de uma comissão ou grupo de trabalho que cuide de reformular esta proposta, para que seja apreciada pelo Conselho Universitário e implementada na UFG.

Juracy da Silva Guimarães – Professor efetivo do Curso de Educação Física da UFG, Mestre em Educação pela UFMG e doutorando pela Universidade Autonoma de Madrid/Espanha.

Iniciação Científica nas Ações Afirmativas

O Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) ofereceu 15 bolsas de iniciação científica para a UFG, dentro do projeto piloto "PIBIC nas Ações Afirmativas", com vigência de primeiro de agosto de 2009 a 31 de julho de 2010. As bolsas foram concedidas somente a alunos que ingressaram na Universidade pelo sistema de cotas. O período de inscrição ocorreu entre julho e agosto. Tendo em vista o curto prazo para a implementação das bolsas, foram selecionados candidatos com planos de trabalho vinculados a projetos de pesquisa já avaliados e aprovados no edital Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (Pibic 002/2008, de 22/12/2008). Mais informações na página da Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-graduação (www.prppg.ufg.br).

COMUNIDADE PERGUNTA

Quais têm sido as ações de apoio ao esporte e lazer na UFG?

Evaldo Gonçalves, estudante de Jornalismo e praticante de musculação e natação no Centro de Práticas Corporais da Faculdade de Educação Física

Norma Meneses Nunes Vitorino
Pró-reitora de Assuntos da Comunidade Universitária, em exercício

A administração superior reconhece a relevância do esporte e lazer como direito social, bem como sua importância para a formação integral do indivíduo. Assim, empenha-se no desenvolvimento de uma política de esporte e lazer para a UFG com a participação de todos os segmentos (discentes, servidores docentes e técnico-administrativos), visando ao bem-estar e ao desenvolvimento humano e profissional da comunidade universitária.

Entre as ações planejadas, com destinação de recursos financeiros, estão os seguintes projetos:

- **Projeto de esporte e lazer na UFG**, elaborado em 2008, sob a responsabilidade do Pró-Reitor de Assuntos da Comunidade Universitária, Ernando Melo Filizzola (execução), e do diretor da Faculdade de Educação Física, professor Marcus Fraga Vieira (coordenação). Os objetivos do projeto são: democratizar o esporte e lazer na UFG; construir de forma participativa a gestão e a execução do esporte; adequar, aparelhar e dinamizar os espaços; garantir a participação da comunidade universitária; democratizar os espetáculos; garantir um esporte participativo de qualidade; garantir o esporte e lazer como identidade cultural e como práticas sociais destacando a atividade física, o esporte e o lazer em interface com a saúde. Em 2008, foram investidos R$ 40 mil. Em 2009, incentivou-se a participação de 16 atletas e dois dirigentes com o pagamento das inscrições nas Olimpíadas Universitárias, o JUBs, no período de 13 a 24 de agosto, nas modalidades futsal, natação, atletismo e xadrez.
- **Projeto de incentivo à participação de servidores atletas em eventos esportivos** – A meta até o final de 2009 é atender seis atletas em competições esportivas de âmbito nacional. O projeto vem sendo divulgado nas unidades acadêmicas e órgãos.

Com recursos do Plano Nacional de Assistência Estudantil (PNAES) outras ações estão sendo executadas, como a reforma da quadra poliesportiva da Casa de Estudante Universitário I e III (CEU) com instalação de aparelhos de ginástica e adequação do paisagismo da área de uso comum; a criação de área de esporte e lazer na nova CEU do Câmpus Samambaia, com quadras, quiosques e vestiários, e a construção de um centro de convivência no Câmpus Colemar Natal der Silva, próximo ao Hospital das Clínicas.

Prefeitura de Anápolis busca parceria na UFG

A Prefeitura Municipal de Anápolis e a Universidade Federal de Goiás (UFG) desenvolverão em conjunto ações de interesse da população anapolina. Com esse objetivo, no dia 22 de julho, o prefeito de Anápolis, Antônio Roberto Gomide, a procuradora-geral do município, Andréia de Araújo, e o coordenador de Cultura, Augusto César de Almeida, reuniram-se na UFG com o reitor, Edward Madureira Brasil, e o coordenador de Assuntos Políticos, Tasso Leite. Na ocasião, foram apontadas como áreas em que a UFG e a Prefeitura podem estreitar laços imediatamente educação, extensão e cultura. "Com essa proximidade, vontade e organização, a presença da UFG em Anápolis será constante e efetiva", afirmou Edward.

Reuben Lago

Andréia de Araújo, Antônio Roberto Gomide e Edward Madureira Brasil reunidos na UFG

O reitor destacou a atuação da UFG em eventos culturais, como o Festival Internacional de Cinema e Vídeo Ambiental (Fica), em Goiás, e o Festival de Cinema Brasileiro, FestCine, em Goiânia, e sugeriu a Antônio Gomide que parcerias assim poderão ser feitas em Anápolis. Entre outras possibilidades, surgiu a ideia de realizar apresentações dos grupos musicais da UFG, Banda Pequi, Orquestra Sinfônica e Coro, naquele município, juntamente com aulas de música para crianças, pelo projeto "UFG na Estrada".

Quanto à educação, o prefeito Antônio Roberto enfatizou a importância de consolidar, em Anápolis, a presença da UFG, que já oferece na cidade um curso de Artes Cênicas e cursos de extensão para professores da rede pública. Outro passo nessa parceria será a implantação do curso de Artes Visuais, que passará a ser ministrado também em Anápolis.

O prefeito expôs o interesse no contato também com o Planetário da UFG, com objetivos educativos, e informou que pensa na criação de um planetário na cidade, futuramente. O reitor explicou que a próxima etapa será conversar com os interlocutores internos, os responsáveis pelas atividades propostas na reunião. "Estamos abrindo algumas portas para uma promissora parceria", concluiu, encerrando a reunião.

Cultura e latinidade movimentam a UFG em agosto

Túlio Moreira Rocha

Um continente unido pela história e pela identidade cultural de seus povos. Uma América Latina ansiosa por sair da marginalidade e ganhar o mundo. De que forma a universidade pode contribuir para que o afastamento secular que ainda persiste entre os países latinos seja superado? A UFG já está dando um exemplo. Em agosto, um conjunto de atividades coloca a temática latino-americana como pauta principal. É a vez da quarta edição do Colóquio BraBo (Brasil/Bolívia) e do terceiro Perro Loco – Festival de Cinema Universitário Latino-Americano.

O Colóquio BraBo foi idealizado pelos professores Nilton José dos Reis, da Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia (Facomb) da UFG, e Iván Molina, da Escuela de Cine y Artes Audiovisuales (ECA), das cidades bolivianas de La Paz e El Alto. A primeira edição ocorreu em 2006, na Bolívia. As edições seguintes intercalaram Brasil e Bolívia. Agora em agosto, cerca de 30 estudantes bolivianos farão em Goiás o curso de formação de cineastas, com duração de um mês. O curso privilegia o cinema documentário, com abordagem voltada aos movimentos sociais e os povos indígenas da América Latina. A proposta é romper as fronteiras do continente.

A estudante de Jornalismo da UFG Lorena Soares participou do colóquio em 2008, permanecendo por dois meses na Bolívia. Ela classifica a experiência como gratificante e enriquecedora e afirma que aprendeu muito sobre sua própria identidade. "Os povos da América Latina têm um passado muito semelhante. Conhecer os outros países do continente a partir de uma troca constante de conhecimento muda nosso ponto de vista e também nosso posicionamento coletivo", destaca Lorena Soares.

Para a estudante, o período mais importante foi a estada na comunidade andina Condor Iquiña. "Ficamos lá cerca de duas semanas. Além do êxtase por ter chegado a outro país, estávamos nos sentindo desafiados pelo contato com um estilo de vida completamente diferente do nosso. A vida nos Andes é dura, cheia de desafios e marcada pela sabedoria de pessoas muito especiais", relata.

Na opinião do professor da Faculdade de Comunicação (Facomb) da UFG Nilton José, o intercâmbio cultural sempre existiu e continua despertando o interesse desses povos, mesmo sem o estímulo das políticas governamentais. "Iniciativas como o BraBo provocam grande impacto na vida dos estudantes participantes. Eles adquirem uma outra visão de mundo e ampliam o horizonte sobre a cultura da América Latina", define o coordenador do projeto.

A preocupação com o afastamento cultural do Brasil em relação aos outros países do continente também motivou a criação de um festival de cinema universitário com temática latino-americana. O objetivo do Perro Loco, que este ano será realizado de 25 a 30 de agosto, no Câmpus Samambaia (www.perroloco.com.br), é promover a integração entre os países latinos por meio do cinema. A terceira edição do festival exibirá produções universitárias de nove países: Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Costa Rica, Cuba, Equador, Uruguai e Venezuela.

Colóquio BraBo e Festival Perro Loco evidenciam interesse em discutir a América Latina no ambiente universitário

Os estudantes da UFG que participam da organização do festival acreditam que, apesar das peculiaridades, o Brasil tem muito em comum com os outros países latino-americanos, mesmo que uma análise superficial atenha-se apenas às diferenças. Para eles, o festival é uma oportunidade de trocar impressões a respeito da cultura e identidade que aproxima as nações latinas.

Une os participantes do Perro Loco também a paixão pelo cinema. Danilo Camilo acredita que, por causa da forte presença europeia e da hegemonia da cultura norte-americana no Brasil, o público brasileiro não tem muito contato com produções dos países da América Latina. "Preferimos filmes estadunidenses, franceses ou italianos a películas argentinas ou mexicanas. O Perro Loco quer colocar a produção latino-americana em cartaz e tentar mudar essa realidade", explica.

Latinidade na academia – A professora Libertad Borges Bittencourt afirma que a matriz curricular da Faculdade de História (FH), tanto na licenciatura quanto no bacharelado, tem contemplado discussões sobre os países que compõem a América Latina. Ela destaca que quatro disciplinas semestrais abordam a história da América, incluindo os países anglo-saxônicos. O programa de pós-graduação da faculdade oferece uma linha de pesquisa denominada "Identidades, fronteiras e culturas de migração", e disciplinas como História das Ideias na América Latina. De acordo com Libertad Borges, o interesse pela temática aumenta paulatinamente.

A professora enfatiza que, embora haja similaridades no processo de colonização e até mesmo das independências (entre 1810 e 1825), as nações latino-americanas têm especificidades bem diversificadas e salienta que, apesar das particularidades históricas de cada país, há inúmeros pontos de contato entre essas diferentes trajetórias, como as línguas ibéricas, a religião e a formação das instituições políticas e jurídicas.

Libertad Borges avalia que o estranhamento que dominou as relações do Brasil com os demais países da região até o início do século XIX vem diminuindo, especialmente pelas políticas de aproximação diplomática e econômica, que estreitam as relações entre as nações vizinhas. "No mundo globalizado, há um reforço das identidades regionais e a cultura se torna uma trincheira na distinção entre o eu e o outro. Contudo, essas diferenças culturais na América Latina não têm afastado os países e tendem a ser um ponto de aproximação entre eles e de celebração", afirma.

Em 2010, a Faculdade de História da UFG sediará o Simpósio Internacional da Associação Nacional de Pesquisadores de História Latino-Americana e Caribenha (Anphlac), que será marcado pela comemoração do bicentenário das independências na América hispânica. A atual presidente da Anphlac é a professora Fabiana de Souza Fredrigo, da FH.

A partir de iniciativas como o BraBo, o Perro Loco e da atuação em atividades como o Simpósio da Anphlac, a UFG contribui para que Goiás se transforme num polo de convergência dos anseios e esperanças de um continente que persiste na luta por seu espaço.

Umaitá Pires

Mostra de filmes marca o lançamento da terceira edição do festival

Estudantes da UFG durante atividade prática do curso de cinema na Bolívia

Fotos: Divulgação Colóquio BraBo

Olhar brasileiro capta cenas do cotidiano boliviano

Ana Rita Vidica